



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGOGICAS INTERDICPLINAR

JUVENTUDE CAMPESINA: EDUCAÇÃO, TRABALHO E LAZER NO CAMPO

SEBASTIÃO MAURICIO DE MELO

CAMPINA GRANDE FEVEREIRO DE 2014.

SEBASTIÃO MAURICIO DE MELO

JUVENTUDE CAMPESINA: EDUCAÇÃO, TRABALHO E LAZER NO CAMPO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba/ Campus de Campina Grande, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista na Área de Concentração: Educação.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vagda G. G. Rocha**

CAMPINA GRANDE, FEVEREIRO DE 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528j Melo, Sebastião Mauricio de  
Juventude campestre [manuscrito] : educação, trabalho e lazer  
no campo / Sebastião Mauricio de Melo. - 2014.  
65 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas  
Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-  
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Dr<sup>a</sup>. Vagda G. G. Rocha, Departamento de  
Educação".

1. Educação no Campo. 2. Juventude Rural. 3. Evasão  
Escolar. I. Título.

21. ed. CDD 371.1

**TERMO DE APROVAÇÃO**

SEBASTIÃO MAURICIO DE MELO

JUVENTUDE CAMPESINA: EDUCAÇÃO, TRABALHO E LAZER NO CAMPO

Monografia aprovada como requisito para conclusão de obtenção do grau de especialização pela Universidade Estadual da Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha

. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vagda G. G. Rocha

Júlio Cesar Kesting  
Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting

Nilton Conserva de Arruda  
Prof. Nilton Conserva de Arruda

CAMPINA GRANDE, FEVEREIRO DE 2014

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho, primeiramente a minha família, em especial a minha querida mãe, que sempre esteve ao meu lado; segundo aos meus professores que me ajudaram a ser a pessoa que sou hoje.

## **Epígrafe**

“A escola não cumpre apenas a função de consagrar a ‘distinção’ – no sentido duplo do termo – das classes cultivadas. A cultura que ela transmite separa os que a recebem do restante da sociedade, mediante um conjunto de diferenças sistemáticas”.

Bourdieu

## **Agradecimentos**

Quero agradecer a minha família, pelo carinho e compreensão, sem eles não teria jamais conquistado esse sonho, terminar um curso superior. Não poderia deixar de prestar meus agradecimentos ao meu orientador Prof. Vagda Rocha, por sua disponibilidade, e atenção na construção desta monografia.

## **Resumo**

Nesta pesquisa iremos abordar a realidade da juventude, seus conceitos, o dia-dia, para poder assim entender um pouco o que é juventude rural, quais seus sonhos, desejos, e como fazem para tornar seus sonhos em realidade.

No primeiro capítulo trabalharemos o conceito de juventude, onde perceberemos como o jovem é percebido e conceituado. Estudaremos a juventude camponesa e a educação do campo no Brasil, sua realidade que se torna distante da vivida pelo jovem rural. Neste capítulo discutiremos a juventude camponesa como fase de vida. Já no segundo capítulo iremos mostrar o lugar do jovem no pequeno município paraibano, quais seus lugares, como se divertem, quais suas religiões, seus esportes preferido. No terceiro capítulo abordaremos o abandono da escola pelo jovem rural, sua cultura, sua resistência em permanecer no lugar onde nasceu.

E por ultimo discutiremos como o jovem esta se preparando para entrar no mercado de trabalho. Como a juventude rural de Tavares pretende entrar no mercado de trabalho, até onde a escola esta ajudando esse jovem a se tornar um trabalhador.

Palavras-chave: Juventude, educação, trabalho.

## **Resumem**

In this research we will address the reality of youth, their concepts, day to day, so be able to understand a little what is rural youth, which your dreams, desires, and how to make your dreams become a reality.

In the first chapter the concept of youth work, where we realize how young and perceived and conceptualized. Study the peasant youth and rural education in Brazil, a reality that becomes far experienced by the rural youth. In this chapter we discuss the peasant youth as a phase of life. In the second chapter we will show the place of youth in the small town Paraiba, which places her as Amuse, which their religions, their favorite sports. In the third chapter we leaving education for rural youth, their culture, their resistance to stay in the place where he was born.

And finally we will discuss how this young man preparing to enter the job market. As rural youth Tavares intends to enter the labor market, even where the school is helping this young man to become a worker.

**Keywords:** Youth, education, work.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

<b>1. JUVENTUDE CAMPONESA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL</b>	<b>11</b>
1.1 Juventude camponesa: Em busca de um conceito	11
1.2 O entendimento de juventude como fase de vida	11
1.3 Juventude campesina	13
1.4 Educação, juventude e campo	14
<b>2. O LUGAR DOS JOVENS NO MUNICÍPIO DE TAVARES</b>	<b>19</b>
<b>3. DO ABANDONO DA ESCOLA PELOS JOVENS AO ABANDONO DOS JOVENS PELA ESCOLA</b>	<b>22</b>
3.1 Entre a reza e a festa	28
3.2 Sobre jogos e bailes	34
3.2.1 Um olhar sobre o cotidiano	37
3.2.2 Sobre o sair e ficar	44
<b>4. ESCUTANDO OS JOVENS RURAIS TAVARENSES</b>	<b>54</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>64</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>65</b>

## **Introdução**

Neste trabalho pretendemos mostrar o cotidiano da vida do jovem no campo, sua relação com o trabalho e a escola. O conceito de juventude será abordado no primeiro capítulo, mostrando que o mesmo sempre está em processo de construção, deste modo, usaremos vários elementos para definirmos sob que ótica pretendemos trabalhar a concepção de juventude, na perspectiva de focar o olhar para os jovens e as jovens rurais do município de Tavares. No entanto, não há uma classificação rígida nem das etapas da vida do homem, nem da categoria juventude. Desse modo, cada sociedade, cada cultura define este conceito a partir de concepções culturais e sociais. A educação entre os povos é construída a partir do acúmulo histórico e cultural dos sujeitos de um determinado grupo social em seu tempo e espaço.

Já no segundo capítulo trabalharemos o lugar do jovem no município de Tavares é importante registrar que, neste momento, pretendemos estudar a participação dos jovens nos grupos e associações comunitárias, tais como: grupos de jovens da igreja, times de futebol, associações comunitárias urbanas e rurais etc. No terceiro capítulo abordaremos o abandono da escola pelos jovens tendo em vista que os mesmos deixam a escola ao completar a maior idade para entrarem no mercado de trabalho, que no caso é o corte da cana. Neste capítulo retrataremos ainda as festas, rezas, jogos e bailes das quais os jovens participam. No quarto capítulo voltaremos um olhar para o jovem, suas ansiedades seus desejos, e como buscam realizar seus sonhos.

Como professor do ensino médio, pude perceber a evasão escolar, pois os jovens tavareses deixavam a escola para ir ao corte da cana, onde lá conseguiam com pouco estudo adentrar no mercado de trabalho, deixando assim a escola de lado. Tendo como objetivo entender esses mecanismos, onde o desejo de trabalhar supera o desejo de continuar os estudos.

Através de pesquisas pude perceber o cotidiano dos jovens rurais de Tavares, nos grupos focais, com entrevista os jovens puderam expor suas histórias, obtendo assim um resultado satisfatório, que foi entender como o jovem deixa suas casas, para ir em busca de trabalho. Pude perceber como é o cotidiano dos jovens, suas festas, jogos, sua interação com a religião, entre outros.

## **1. Juventude camponesa e educação do campo no brasil**

### **1.1 Juventude Camponesa: em busca de um conceito**

É comum entre os populares relacionar juventude a vários adjetivos positivos como vigor, alegria, força física intitulando essa como progressista, revolucionaria, e também de qualidades negativas, como alienada, violenta e irresponsável. Comprendemos que tais adjetivações negativas contribuem para a estereotipia da juventude com termos pejorativos e discriminatórios como delinquentes, e associa os e as jovens aos problemas sociais como a violência, drogas. Mas é claro que não podemos nos esquecer das adjetivações positivas, ainda que não sejam preponderantes. Também é corriqueira entre população a afirmação de que a juventude é o futuro, como se esta não fosse também o presente e apenas lhe é atribuída a responsabilidade para com as gerações futuras.

Por isso destacamos que o termo juventude está em pleno processo de construção, deste modo, usaremos vários elementos para definirmos sob que ótica pretendemos trabalhar a concepção de juventude, na perspectiva de focar o olhar para os jovens e as jovens rurais do município de Tavares, sobretudo para a forma como esse jovem se organiza socialmente, suas concepções de campo, espaço rural, importância de escolarização, enfim os *modus vivendi* dos jovens camponeses de Tavares. Os jovens que migram anualmente para os canais do Estado de São Paulo e sua relação com os processos educativos escolares. No entanto, não há uma classificação rígida nem das etapas da vida do homem, nem da categoria juventude. Desse modo, cada sociedade, cada cultura define este conceito a partir de concepções culturais e sociais.

### **1.2 O entendimento de juventude como fase da vida**

Por parte dos populares há também o entendimento de juventude como uma fase ou etapa da vida. Esse entendimento aparece em alguns teóricos, tal como Silva (2002, p. 99) que afirma que a juventude é uma construção social e que tem sido vista como uma “fase da vida. Fase esta marcada pela instabilidade e pelas incertezas que são

relacionadas a ‘problemas sociais’” frequentemente associados aos jovens do universo urbano. Essa ideia de fase de vida nos é apresentada como se a vida fosse dividida em faixa-etária, distribuída uniformemente para qualquer indivíduo independente do espaço e do tempo em que este vive. No entanto, não há uma classificação rígida nem das etapas da vida do homem, nem da categoria juventude. Desse modo, cada sociedade, cada cultura define este conceito a partir de concepções culturais e sociais. Assim, juventude não pode ser definida apenas como uma fase da vida, mas sim a partir das relações socioculturais (NOVAES, 2003). Partindo dessa perspectiva, uma cidade pode vir a ter várias juventudes, ou até mesmo numa comunidade podemos ter vários grupos juvenis que agem, se relacionam, têm necessidades e vivenciam sua sexualidade, cultura, participação social, totalmente diferente de outros grupos que se identificam como jovens com a mesma faixa etária. Outra definição deixa mais nítido este entendimento;

Em geral, a juventude é caracterizada como o tempo ou período do ciclo da vida no qual os indivíduos atravessam da infância para vida adulta e produzem significativas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que podem variar de acordo com as sociedades, as culturas, as classes, o gênero, a inscrição étnico-racial e a época (ABRAMOVAY et al 2006, p. 10).

Esta afirmação nos chama atenção para as múltiplas faces assumidas pela juventude e ao definirmos estas faces percebemos que temos várias juventudes e que estas se forjam a partir das realidades cronológicas<sup>1</sup>, biológicas, sociais e culturais.

As considerações acima nos proporcionam a seguinte reflexão: não podemos colocar a juventude em um único patamar, haja vista que esta se apresenta de forma diversa a partir do contexto social, cultural e temporal onde estejam inseridos os sujeitos juvenis. Corroborando esta definição, Groppo (2000) afirma que:

Esta concepção alerta-nos sobre a existência na realidade dos projetos sociais concretos, de uma pluralidade de juventudes; de cada recorte sócio-cultural, classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero etc. saltam subcategoria de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, sub-culturas e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinventar “a sua maneira o que é ser jovem” contrastando-se não apenas em relação a outras juventudes. " (GROPPO, 2000, p. 15)

---

<sup>1</sup> Ao nos referimos termo cronológico partimos do entendimento apresentado por Melucci que nos apresenta o seguinte: *Uma análise em termos de perspectiva temporal considera o tempo como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamento, construindo um complexo de pontos de referencia para suas ações* (MELUCCI, 1997, p8).

Deste modo tratamos a juventude como o período de vida cronologicamente representado pelo tempo individual e coletivo dos sujeitos com idade entre 15 e 29 anos, não sendo a faixa etária o único elemento para definir este seguimento, mas também relacionada a esta consideramos recortes social, cultural, de gênero, étnico racial e de classe. O uso de tais elementos fortalece o entendimento de que estes sujeitos formam um emaranhado de juventudes definidas também pela própria auto-afirmação destas enquanto sujeitos juvenis, marcados pelas transformações biológicas e psicológicas que estão vivendo em seu tempo e espaço.

### **1.3 Juventude campesina**

Tal como o termo juventude, muitas vezes as juventudes campesinas são definidas como rurais, mas entendemos que incorporar as juventudes que vivem no mundo rural a um único perfil, de forma genérica, é negar as diferenças existentes entre as juventudes brasileiras. Portanto, é necessário entendermos que existem várias juventudes nos mais diversos espaços e tempos rurais espalhados pelo Brasil.

No meio rural existem, vivem e se relacionam diversos grupos de sujeitos, organizados ou não, que vão desde o camponês ao latifundiário. Desse modo o rural apresenta grandes contrastes entre ricos e pobres, diferenças sociais e econômicas. Aglomerar todos e todas que vivem no campo em um único perfil de rural é negar as diferenças existentes neste espaço.

O uso do termo juventude campesina e não rural aqui apresentado faz referência aos trabalhadores, aos sujeitos do meio rural com características de camponeses bem como aos seus filhos no desejo de caracterizar a luta dos sujeitos do campo pela terra e/ou para permanecer nela e a afirmação de seus valores culturais. Por isso ao tratarmos de juventude campesina estamos direcionando nosso olhar para os jovens que vivem no e que são do campo. Sobre quem são esses sujeitos, ancoramo-nos no que apresenta CALDART, (2002).

O campo tem diferentes sujeitos. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos das florestas, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóias-fria, e outros grupos mais (p.30).

No texto citado a autora nos chama atenção para a diversidade existente entre os sujeitos do campo, haja vista que apenas no fragmento acima são citados pela autora 17 grupos e/ou elementos por onde identificamos os/as camponeses/as. Este número nos revela as diferenças entres estes sujeitos e ressaltamos que esta diversidade é apresentada em apenas um dos grupos de sujeitos do espaço rural, o campesinato.

Gostaríamos de apresentar que os sujeitos camponeses brasileiros, mesmo diante das diferenças, possuem características comuns que os identificam e os unem. Estas características são as mesmas que os diferenciam de latifundiários e grandes fazendeiros. Neste sentido, podemos destacar o que nos afirma Wanderley (2009).

O campesinato brasileiro tem características particulares - em relação ao conceito clássico de camponês - que são o resultado do enfrentamento de situações próprias da História social do País e que servem hoje de fundamento a este “patrimônio sócio-cultural”, com que deve adaptar-se às exigências e condicionamentos da sociedade brasileira moderna (p. 156).

Estas características são formadas a partir do acúmulo de saberes construídos por experiências empíricas vivenciadas durante gerações, entre estas características estão presentes a pequena propriedade, o uso de trabalho familiar, o repasse de conhecimento de geração para geração, o respeito pelo divino, dentre outras. Nesse sentido, podemos citar Mendras (1976, p. 20) citado por Sabourin (2009, p. 03) para quem o camponês é marcado pela “unidade indissolúvel do grupo doméstico e de seus membros, ao mesmo tempo produtores e consumidores e (pelo) fato de que a terra, do ponto de vista da economia do grupo, é um meio de substância e não um capital a rentabilizar”.

Essa afirmação nos leva a refletir que se há esta diferenciação entres os sujeitos camponeses, logo haverá essa mesma definição no que se refere a juventude camponesa. Assim, teremos varias juventudes camponesas no meio rural.

A juventude camponesa pode ser considerada como período de vida cronologicamente representado pelo tempo individual e coletivo dos sujeitos com idade entre 15 e 29 anos. Tal como posto anteriormente, aliado à faixa etária figuram os recortes social, cultural, de gênero e étnico-racial. Fortalecendo o entendimento que estes sujeitos formam um emaranhado de juventudes, definidos também pela própria auto-afirmação destes enquanto sujeitos juvenis marcados pelas transformações biológicas e psicológicas que estes estão vivendo no tempo e espaço rural.

#### **1.4 Educação, Juventude e Campo**

Ao relacionar a juventude campesina com a educação, temos elementos significativos como a própria diversidade da juventude e dos sujeitos campesinos bem como a consideração dos saberes acumulados desses sujeitos rurais. Assim, é necessário compreender como a educação interage com esses elementos.

A educação entre os povos é construída a partir do acúmulo histórico e cultural dos sujeitos de um determinado grupo social em seu tempo e espaço. Assim como coloca Brandão (1995, p. 10), “a educação pode existir livre e entre todos, pode ser umas das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideias, como crença, como trabalho e como vida”.

Desse modo destacamos que a educação pode vir a acontecer em qualquer espaço a partir do acúmulo cultural construído durante toda a história de um povo, comunidade e família. Brandão (*Idem*, p. 120) reforça essa compreensão ao afirmar que: “a educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sociedade”, como aponta Bourdieu (1999).

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. Conferindo uma sanção que se pretende neutra, e que é altamente reconhecida como tal, as aptidões socialmente condicionadas que trata como desigualdades de ‘dons’ ou de mérito, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em ‘distinção de qualidade’, e legitima a transmissão da herança cultural. (p. 58)

Os trabalhadores rurais se mantem dentro dessa perspectiva, onde a herança cultural é passada de pai para filho, a educação pontua essas desigualdades, uma vez que não oferece as condições adequadas de aprendizado.

Neste sentido, afirmamos que a educação também acontece no espaço onde os/as jovens campesinos residem, bem como no decorrer da vida, por meio do acúmulo de saberes presentes no campo. Este conhecimento empírico geralmente é transmitido de gerações a gerações e consolidado por meio da observação do espaço onde estão inseridos os sujeitos juvenis campesinos. Estes saberes são construídos e reconstruídos a

partir de informações apresentadas no espaço, na natureza e nas relações sociais presentes na comunidade.

Se afirmamos que os sujeitos juvenis do campo possuem saberes próprios construídos ao longo de sua história de vida a partir das realidades onde estão inseridos e que estes aprendem com o trabalho, a natureza, o espaço e a vida, não seria a escola o único espaço de construção do saber. Sendo assim, mesmo antes de ir à escola estes os jovens já possuem conhecimentos próprios sobre o trabalho, a roça, os cuidados com animais, as cantigas, as cirandas, a organização social e política, etc.

Entretanto, mesmo que não seja a única fonte de conhecimento, a escola tem o papel de contribuir com a formação dos sujeitos, levando em consideração a realidade destes, ou seja, a concepção social, econômica, histórica, cultural, biológica, política e de vida das pessoas, tendo em vista os saberes de cada um e cada uma. O primeiro parágrafo da Lei de diretrizes de Base da Educação (LDB 9394/96) prescreve que,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Se a educação abrange todos estes processos formativos, também deve levar em consideração a diversidade de sujeitos, sejam eles do campo ou da cidade na formação educacional.

Ancorados em Leite (1999), podemos dizer que a escola no meio rural foi tratada como resíduo do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, à população do campo foi negado o acesso aos avanços ocorridos nas duas últimas décadas como o reconhecimento e a garantia do direito à educação básica.

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional, aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (anônimo) ( p. 14).

Compreendemos que a educação é um direito social. Uma política de educação do campo requer o reconhecimento de que a cidade não é superior ao campo e, a partir dessa compreensão, demanda impor novas relações baseadas na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade. O campo é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso.

A função primordial da escola é ensinar, transmitir valores e traços da história e da cultura de uma sociedade. Isso implica em proporcionar ao aluno visões diferenciadas de mundo, de vida, de trabalho, de produção, de novas interpretações da realidade, sem,

contudo, perder aquilo que lhe é próprio, aquilo que lhe é identificador (LEITE, 1999, p. 99). Como nos diz Leite (*idem, ibidem*)

O que fazer para adequar a escola do campo aos sujeitos que ai vivem:  
 Adequação do calendário escolar ao calendário agrícola;  
 Redefinição dos conteúdos curriculares – Da organização por disciplina à organização interdisciplinar a partir de conteúdos/temas norteadores: a luta pela terra, água, agroecologia etc.;  
 Participação efetiva da comunidade no planejamento e acompanhamento das práticas educativas e mesmo ministrando aulas e programas na escola;  
 Articular a formação acadêmica, moral e o lazer;  
 Articular a cultura local com a universal.

Na organização do ensino na escola, compreendemos que há dois obstáculos: os livros didáticos – descontextualizados com relação à cultura do campo, apresenta-se, portanto, a necessidade de elaboração de material complementar e de um olhar crítico sobre o livro didático utilizado. O segundo obstáculo diz respeito à visão conteudista, destituída de significados. Na perspectiva conteudista, os conteúdos são ensinados de forma compartimentada, sem relação entre si e, muito menos, com a vida. Defendemos, que os conteúdos devem apresentar significados para os sujeitos e devem ser ensinados no âmbito de um contexto mais amplo.

Entendemos que a educação do campo no Brasil não é uma realidade percebida nos campos, tendo em vista que a mesma se resume a poucos espaços, por exemplo, os camponeses da cidade de Tavares, PB, não a vivenciam, visto que a escola não atende os anseios da população agricultora do município. Os agricultores deixam suas terras para irem ao sudeste do país em busca de emprego como o corte da cana. Deixam os estudos ao completarem a maior idade para conseguirem entrar no referido mercado de trabalho, onde a mão de obra é explorada ao máximo.

Tomando como base Leite (1999), podemos dizer que a escola não buscou se adequar a esse público e, conseqüentemente, contribui para que trabalhadores com parca formação sejam submetidos a altas jornadas de trabalho com salários irrisórios. No município de Tavares não se percebe relação entre escola e agricultura, não atendendo, portanto, aos anseios dos camponeses da pequena cidade.

Para que haja uma escola do campo é fundamental que a mesma esteja ligada a questões inerentes à sua realidade, uma escola viva, onde os anseios da comunidade sejam atingidos, contemplando três fatores fundamentais escola, agricultura e vida, estes três eixos devem complementar um ao outro. Atendendo a estes eixos, como aponta

Queiroz (2011, p 38.), “as escolas se tornarão centros dinâmicos de irradiação, de reflexão e instrumentos de transformação das pessoas e da realidade” A educação deve sempre focar a realidade de cada região. Somente nos anos 60 e 70 do século XX começou a surgir uma divulgação do que se chamaria educação do campo, na qual o camponês toma conhecimento de si, não deixando suas terras para entrar no mercado de trabalho precocemente.

A educação voltada para a realidade do povo deve ser sempre um direito de todos, inclusive daqueles que moram no campo, como reza a LDB 9394/96, artigo 28;

Na oferta de educação básica para a população rural os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; adequação à natureza do trabalho na zona rural.

As escolas do campo deverão se adequar ao lugar onde foi implementada, não se tornando mais um elemento de exclusão social, principalmente porque é no meio rural onde encontramos os mais baixos índices de escolaridade da sociedade brasileira (BRASIL, 2010). Deve-se atentar para o fato de que se a educação não corresponde à realidade dos camponeses, estes podem se mostrar predispostos à bebida e às drogas para não serem tratados como diferentes.

Os movimentos sociais puxaram o discurso e, somente em 2004, houve um maior envolvimento do Estado com a educação do e no campo, ainda restrita a grupos sociais. Há ainda grande parte de jovens à margem desse direito, sujeitos que buscam se manter no campo;

Sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente, sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo; sujeitos da resistência na terra dos quilombos e pela identidade própria desta herança; sujeitos na luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro, em terras demarcadas e em identidades e direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas pedagógicas (SILVA, 2007, p 109)

Entendemos que estes sujeitos devem ser atendidos nos seus lugares com uma educação que lhes ofereça oportunidade de se manterem, com dignidade, no campo. A educação do campo não atende as necessidades desses jovens campesinatos.

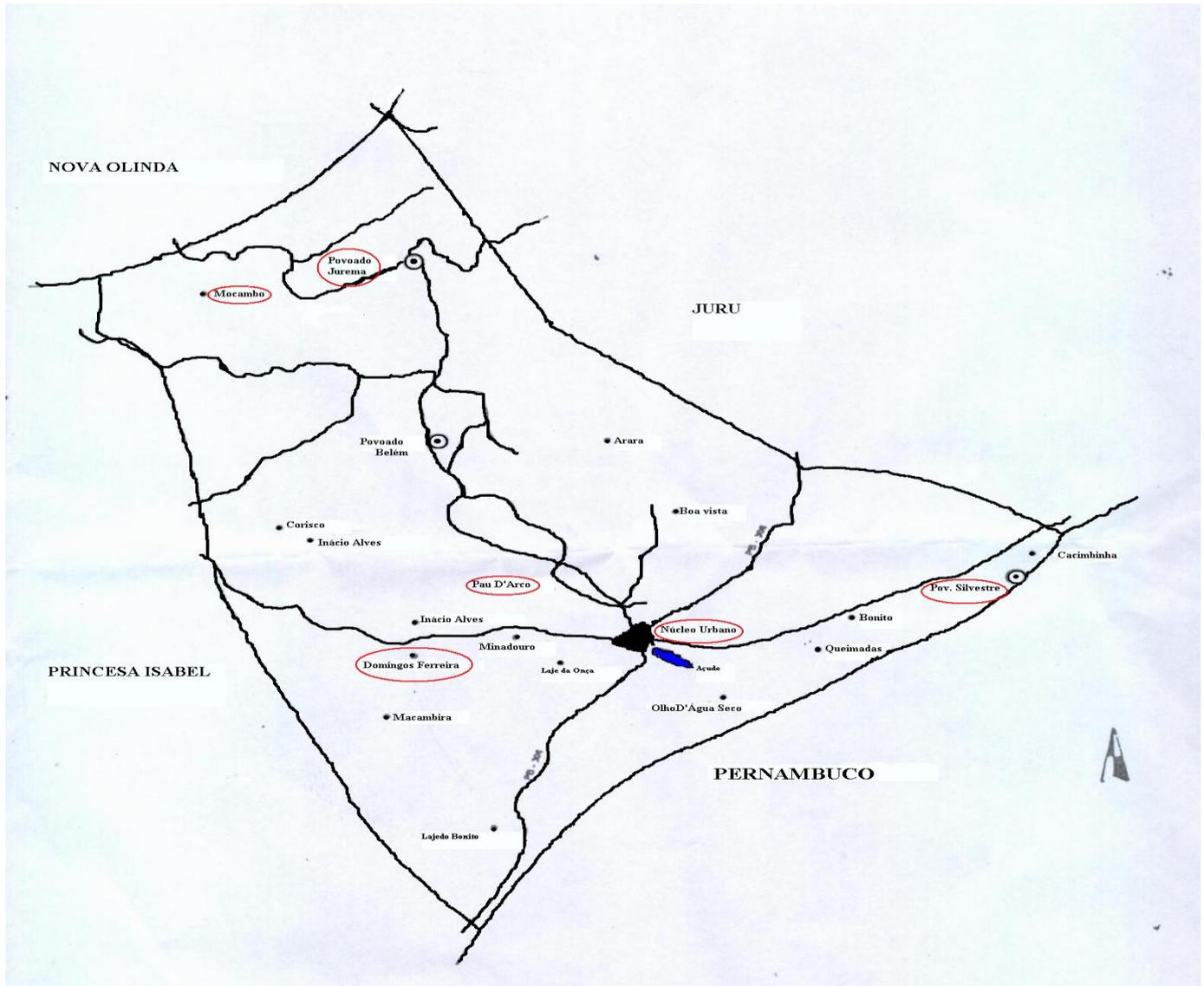
## **2 – O lugar dos jovens no município de Tavares**

Das 14.103 pessoas que habitavam o município em 2.010 (Censo, IBGE, 2.010) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 28% estavam na faixa de quinze a vinte e nove anos de idade, sendo que, deste total, a maioria (64%) residia nos sítios e, apenas, 36% nas zona urbana. Dos que residiam na zona urbana, 52% eram mulheres e 48% eram homens, percentual este que se invertia na zona rural.

Num primeiro momento da pesquisa, buscando uma maior aproximação com os sujeitos, aplicamos um questionário em sete localidades do município: cinco sítios (Domingos Ferreira, Macambira, Jurema, Mocambo e Pau D'Arco); dois povoados (Jurema e Silvestre); e na própria sede do município (ver anexo I). Em cada local foram aplicados, de forma aleatória, dez questionários. Tanto na sede quanto nos povoados, alguns desses questionários foram aplicados nas escolas, visando atingir outras localidades rurais, uma vez que em tais estabelecimentos estudam jovens dos sítios circunvizinhos, porque a segunda parte do ensino fundamental – 6ª a 9ª ano – só é oferecida nos povoados e na cidade. Responderam ao questionário oitenta e nove jovens do sexo feminino e cinquenta e oito jovens do sexo masculino.

As entrevistas nos grupos focais tiveram como finalidade investigar a realidade dos jovens tavaresenses, mostrar suas histórias. Nesse período da pesquisa o que buscamos foi enfatizar as histórias, deixando de lado a identidade dos autores aqui retratados. Nem sempre seus nomes serão revelados, pois o que importa são os relatos e suas narrações para evidenciar o cotidiano do mesmo. No grupo focal reunimos vários jovens num só momento na tentativa de identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes.

Mapa 01 – Mapa dos locais de aplicação dos questionários.



É importante registrar que, neste momento, nós pensávamos em estudar a participação dos jovens nos grupos e associações comunitárias, tais como: grupos de jovens da igreja, times de futebol, associações comunitárias urbanas e rurais etc. Com a aplicação do questionário visava ter alguns elementos que nos permitissem uma primeira aproximação da situação geral da juventude tavaresense e, particularmente, de sua participação nos referidos espaços. Nesse sentido procuramos organizar um conjunto básico de questões que nos permitissem:

a) Traçar um primeiro perfil das famílias dos jovens rurais tavaresenses;

b) Identificar:

I - As principais formas de participação dos jovens na renda da família;

II - As principais formas/espaços de participação da juventude rural tavaresense;

III – Os tipos de relações dos jovens rurais tavaresense com os espaços urbanos, desde a sede do município, as pequenas cidades da região até os espaços mais longínquos, como as grandes cidades e outros estados;

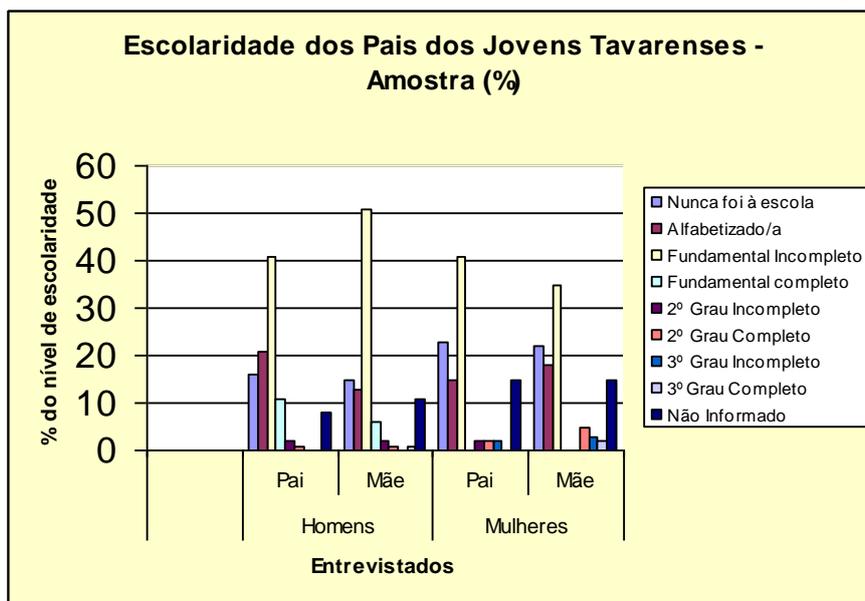
IV – As representações construídas pelos jovens sobre o mundo rural e a agricultura e o reflexo dessas representações em seus projetos pessoais.

A partir dos dados obtidos nos questionários, apresento na segunda parte desse capítulo um pouco do cotidiano dos jovens rurais tavaresenses, considerando alguns eixos, como: a educação; a participação comunitária; os espaços de sociabilidade, a exemplo das festas e bailes; as formas de inserção econômica no próprio local, a exemplo das feiras; as relações familiares; a relação com o sítio e a agricultura; as principais dificuldades enfrentadas ou vivenciadas; as práticas de lazer; os sonhos e aspirações; e as representações sobre a migração. Para tanto fazemos referência tanto aos números do questionário quanto às observações diretas, mediante os registros de campo.

### 3 - Do abandono da escola pelos jovens ao abandono dos jovens pela escola

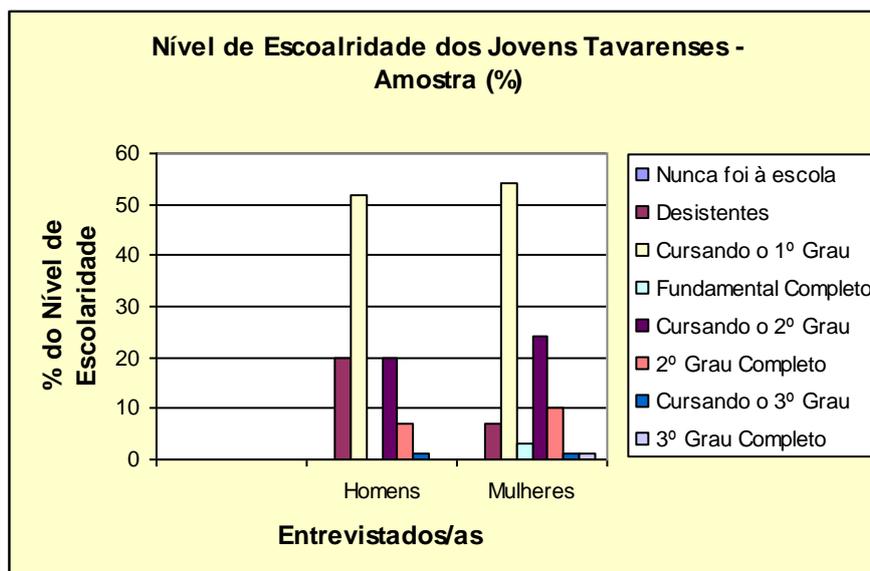
Os primeiros dados, referentes à educação, revelam um aumento no nível de escolaridade da juventude twarenses, quando comparados aos de seus pais (Gráficos 04 e 05).

Gráfico 1 – Escolaridade dos Pais dos Jovens Entrevistados (%)



Fonte dos dados: Pesquisa do Autor.

Gráfico 2 – Escolaridade dos Jovens Entrevistados (%)



Fonte dos Dados: Pesquisa do Autor

Com efeito, os jovens, atualmente, estudam mais do que os jovens das décadas passadas. Isso pode estar relacionado a uma maior facilidade de acesso à escola aqui identificada; à maior proximidade desta instituição social, ao menos nos primeiros anos de escolarização – 1ª ao 5ª ano. Mas, também, pode se dar pelas mudanças ocorridas na política educacional brasileira<sup>2</sup>, especialmente, a partir dos anos de 1990, que repercutiu na legislação do setor e no financiamento da educação básica, com a criação do Fundo de Manutenção e Valorização do Magistério – FUNDEF, hoje, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. Essas mudanças contribuem para a municipalização do ensino<sup>3</sup> e, conseqüentemente, para o aumento do número de professores e de salas de aula, além dos programas complementares, como a distribuição de materiais didáticos e, ainda, a vinculação de alguns programas sociais, como o bolsa escola e o bolsa família à permanência dos filhos, crianças e adolescentes na escola.

Tivemos também, nas últimas décadas, a divulgação das ideias do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a instauração dos Conselhos Municipais da Criança e do Adolescente e, também, dos Conselhos Tutelares. Tudo isso contribui para difusão

---

<sup>2</sup> Desde os anos de 1990, o Brasil tem sido palco de inúmeras reformas educacionais com o objetivo, dentre outros, de cumprir metas traçadas pelas agências multilaterais, com destaque, para o Banco Mundial e o FMI, as quais, através de inúmeros eventos internacionais – com destaque para a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien/Tailândia e financiada pela UNESCO e Branco Mundial – procuraram definir as linhas básicas das políticas educativas que seriam adotadas em vários países, dentre eles o Brasil, e que podem ser assim sintetizadas: Compromisso com a educação para todos, especificamente no nível básico e necessidade dos governos pactuarem tanto com a sociedade civil quanto com o setor privado, uma vez que se partia do pressuposto de que os governos sozinhos não conseguiriam garantir a educação para todos. A partir desse e de outros encontros que o sucederam, assistiu-se no Brasil, sobretudo a partir de 1996, um proliferamento de políticas, programas e projetos educacionais, sob a égide de uma escola democrática e de qualidade, mas, cujo foco incidiu no aspecto quantitativo em detrimento da qualidade, isto é, houve de fato uma melhoria nos índices de matrícula, sobretudo na educação básica, sem a correspondente mudanças nos aspectos qualitativos da escola, ou seja, “universalizou-se” uma escola empobrecida e sucateada, garantindo-se, dessa forma, o acesso dos pobres à uma escola pobre, ao mesmo tempo em que o país mostrava – graças ao fetiche dos números -, à comunidade internacional, a imagem de um país “que conseguiu cumprir o dever de casa”. (Sobre este tema ver SHIROMA, 2000).

<sup>3</sup> Na região Nordeste, segundo Arelaro (2005), 84,36% do ensino fundamental já tinha sido municipalizado em 2003. Para a autora, levando-se em consideração que a maioria dos municípios nordestinos têm como fonte principal de renda, as transferências Federais – FPM, esse processo de municipalização do ensino desvinculado de uma reforma tributária que garantisse efetivamente uma melhor distribuição da renda, não logrou os efeitos ‘proclamados’, não podendo, portanto, ser traduzido por “melhoria de qualidade” desses sistemas municipais de ensino, nem de valorização do magistério – em termos salariais e de formação permanente – ou mesmo de implementação de programas pedagógico-educacionais, que tenham representado patamares de atendimentos diversificados e adequados às condições socioculturais da região” (Op. Cit. p. 1043); além de serem financeiramente insustentável a longo prazo.

da ideia de que “lugar de criança é na escola” e, conseqüente, conscientização sobre o combate ao trabalho infantil. E mais: mudanças no mercado de trabalho urbano têm levado a retomada, na sociedade brasileira, das teorias do Capital Humano e, conseqüente, elevação da “educação” à condição de “redentora”. Fator capaz de nos livrar de algumas de nossas mazelas históricas, como a pobreza, o subemprego e o desemprego.

Todos esses fatores, agindo conjuntamente, têm favorecido o aumento do nível médio de escolaridade da população brasileira, levando-nos a relativizar a afirmação acima, de que os jovens do meio rural possuem um nível de escolaridade maior do que seus pais, uma vez que a média hoje alcançada, sobretudo por parte dos jovens rurais masculino, ainda está aquém das demandas sociais, especialmente quando se considera o impacto das novas tecnologias e as novas exigências daí advindas para o meio educacional. Dentre essas, a necessidade de outros *alfabetismos*, além da escrita, que favoreça o acesso às novas linguagens e aos “novos” espaços discursivos, a exemplo da supervia da informação<sup>4</sup>, não somente na qualidade de usuários/consumidores, mas também de produtores, inclusive como condição para construções de contra-hegemonias<sup>5</sup>.

Mesmo considerando a inexistência de jovens que nunca foram à escola, é preciso observar, também, as altas taxas de desistência, sobretudo, para os jovens do sexo masculino, cuja maior incidência se dá no ensino fundamental. A única diferença em relação aos seus pais é que, diferentemente deles, os jovens estão demorando mais na escola, porém, ainda não é o suficiente para concluir a segunda etapa do ensino fundamental (6º ao 9º ano)<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Termo usado por Kenway (2001) para referir-se a internet e o ciberespaço.

<sup>5</sup> Kenway (Op. Cit) chama atenção para o fato de que a Internet pode abrir, aos estudantes, “a oportunidade de se tornarem produtores de seus próprios produtos culturais, em vez de serem simplesmente consumidores ativos ou passivos dos produtos da informação e da cultura global” (p.104). Ora, tal oportunidade permite o exercício da palavra, a construção de identidades, o questionamento de representações sociais, a articulação entre os atores e a construção de projetos sociais alternativos, dentre outras coisas. Nesse sentido, o desafio que se coloca para a educação e para a educação rural é promover, na esteira de Freire, o direito ao “outro” de dizer sua palavra, o que equivale a trabalhar as competências requeridas no período técnico-científico-informacional em que vivemos, e mais: reconhecendo o caráter político das técnicas é preciso, ainda, que a educação seja um lugar de questionamento dos projetos iminentes nos usos sociais das novas tecnologias da informação e a conseqüente construção de outros projetos, em sintonia com os interesses do grupo em questão.

<sup>6</sup> Esses dados seguem, também, a tendência regional. Segundo Arelaro (2005), em 2003, na Região Nordeste, “para um total de 2,08 milhões de alunos matriculados na 1ª série do ensino fundamental, somente 0, 92% estavam matriculados na 8ª série, ou seja, 44,1 do total de matriculados na 1ª série” (p.1042), ou seja, mais de 50% “desapareceram” do sistema escolar.

Nesse sentido, podemos concluir que se a oferta da educação básica, ao menos no que diz respeito ao nível fundamental, continua problemática na medida em que não considera as diversidades do público atendido, ou, para usar uma terminologia bourdieuiana o volume e o tipo de capital que os jovens trazem para escola e que condiciona o êxito e o fracasso escolar.

Levar em consideração o capital econômico, social e cultural, esse último em sua forma incorporada, dos jovens que vivem no meio rural, implica pensar outra maneira de organização da instituição escolar e, assim, questionar suas práticas vigentes, pautadas por uma noção de tempo e por um viés epistemológico e metodológico distante da realidade rural. No que tange ao tempo, a escola trabalha com um calendário único, dificultando para muitos dos jovens rurais, especificamente os jovens agricultores, a conciliação entre as atividades da escola e as atividades do roçado, especialmente, no período do inverno. Entretanto, as práticas e os conteúdos escolares enfatizam e legitimam uma única forma de conhecimento, indo de encontro, também nesse ponto, com práticas e formas de conhecer, específica dos que vivem no campo, assim deslegitimadas. Por sua vez, as metodologias empregadas pelos professores, sobretudo a aula expositiva e os métodos tradicionais, ao enfatizarem o intelectual em detrimento de outras dimensões: motora, ética, estética, emocional etc., acabam tornando a escola um local distante e “estranho” para crianças e jovens do meio rural.

Por outro lado, o alto índice de desistência dos jovens está ligado, também, a falta de perspectivas e de horizontes de trabalho. Sabe-se que a escola é importante para “ser alguém na vida”, isto é, como caminho de autonomia, mas, sabe-se também que os maiores rendimentos em relação aos títulos escolares são para os que detêm capital econômico e/ou social e que podem continuar os estudos em outros níveis. Isso acontece dada a distância entre o município e os centros urbanos maiores, como Campina Grande e João Pessoa - PB e, também, pela inexistência de faculdades ou de escolas públicas profissionalizantes no município. A escola pública que oferece cursos profissionalizantes mais próxima de Tavares, situa-se em Princesa Isabel. Mesmo assim, nem todos os jovens do município possuem o capital cultural exigido para acessá-la, ou mesmo o econômico, visto as despesas com locomoção. Assim, para a continuação dos estudos supõe-se certo nível de capital econômico por parte da família a fim de arcar

---

com os gastos<sup>7</sup> para obtenção de um diploma nem sempre valorizado, visto que muitas vezes são adquiridos em faculdades particulares, algumas de finais de semana e de formação duvidosa, tornando atuais as reflexões de Bourdieu sobre a educação<sup>8</sup>.

Dentre os motivos apresentados para desistência, destaca-se a dificuldade de conciliação do estudo com o trabalho, gerando o cansaço; a migração; a distância<sup>9</sup>; os problemas físicos (dor de cabeça, problemas de visão doenças etc.); e a dificuldade de transporte.

Os dados do questionário apontam, ainda, para o fato de que são as mulheres que atingem níveis de escolaridade maiores, algo que também foi observado por outros pesquisadores (CARNEIRO, 1998; STRAPASOLAS, 2002)<sup>10</sup>. É nítida, nos estudos desses pesquisadores, a proeminência do homem enquanto candidato mais favorável à sucessão do trabalho no campo. Abramovay *et all.* (2001), estudando os impasses

---

<sup>7</sup> Para os que terminam o segundo grau a opção é, dependendo do capital econômico e social da família, fazer um curso de licenciatura na cidade vizinha, Princesa Isabel, aos finais de semana pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú –UVA, ou na cidade de Serra Talhada, PE, distante aproximadamente uns 80 km do município; fazer um curso profissionalizante em Afogados da Ingazeira, PE (Técnico de Enfermagem); fazer um curso de bacharelado (enfermagem, computação) no município de Patos, Campina Grande ou João Pessoa. Os gastos são, portanto, com transporte e mensalidade. A maioria dos que se decidem por Campina Grande ou João Pessoa, ficam na casa de familiares e colegas e, aí, os maiores gastos são com manutenção (alimentos, vale transportes, material didático).

<sup>8</sup> Para Bourdieu a escola, longe de ser uma agência neutra, representa a materialização de um poder simbólico, cuja função é reproduzir e legitimar as desigualdades sociais. Ao tratar de forma igual, os que são diferentes, a escola privilegia os que possuem uma bagagem familiar, capital cultural incorporado, própria da classe dominante. Mais: Guiados por uma espécie de “causalidade do provável” (Bourdieu, 1998), as classes populares tendem a investir onde a chance de retorno é maior, desenvolvendo, assim, uma relação resignada com o sistema de ensino, uma vez que se tem a “certeza” de que mais cedo ou mais tarde, o estudo deverá ser substituído pelo trabalho, um trabalho que, de preferência, exija pouco estudo, caindo-se, assim, num círculo vicioso. Comentando os trabalhos do autor em questão, Nogueira e Nogueira (2004) dizem que “o investimento baixo das classes populares na escola”, poderia ser explicado a partir da “percepção, valendo-se dos exemplos acumulados, de que as chances de sucesso escolar são reduzidas, devido a falta de recursos econômicos, sociais e culturais (...), o que tornaria o retorno do investimento muito incerto e, portanto, o risco muito alto. Tal incerteza e risco se tornam ainda maiores pelo fato de que o retorno do investimento escolar se dá num longo prazo. Essas famílias estariam, em função de suas condições sócio-econômicas, menos preparadas para suportar os custos econômicos dessa espera, especialmente o adiamento da entrada dos filhos no mercado de trabalho, donde a prática freqüente entre as famílias e os jovens dos meios populares de se auto-eliminar, objetiva e subjetivamente, da competição escolar” (p. 71-2).

<sup>9</sup> A distância está relacionada, sobretudo com o prosseguimento dos estudos em nível de segundo grau, visto que, nesse nível de ensino, as escolas concentram-se na cidade.

<sup>10</sup> Para grande parte dos/as pesquisadores/as da juventude rural brasileira, o fato de que as meninas adquiram maiores níveis de escolaridade com relação aos jovens do sexo masculino está relacionado ao fato das mesmas não serem candidatas à sucessão da propriedade produtiva familiar. Penso que um outro fator, mais subjetivo, são as diferenças de expectativas em relação aos gêneros, uma vez que se espera dos jovens masculinos uma inserção no mercado de trabalho, num período de tempo menor. No município em questão, aos dezoito anos, os jovens devem ter adquirido autonomia financeira, não dependendo mais ou, ao menos, não totalmente de seus pais. Assim, para grande parte dos jovens rurais masculinos, o caminho do trabalho obriga-os a deixarem à escola mais cedo do que as mulheres.

sociais da sucessão hereditária no oeste de Santa Catarina, assinala que “na pesquisa de campo não foi encontrado nenhum caso aonde a moça tenha sido escolhida sucessora ou então dirigisse, de fato, a propriedade paterna” (p. 86). Parece “normal” se considerarmos que as moças, como os próprios autores afirmam, são mais familiarizadas com os negócios domésticos, por sua presença estar mais fortemente ligada à casa, opondo-se, dessa forma, aos rapazes, cujo foco está no roçado. A pesquisa de Abramovay *et all (idem)* mostrou, também, que a maioria das moças entrevistadas rejeita a continuidade no negócio da família tendo como projeto para o futuro a ida para a cidade (p. 46-48), desejo esse também compartilhado por muitos dos pais. Isso explica, ao menos em parte, a razão das moças investirem mais na educação do que os rapazes, tornando-se mais preparadas do que esses para enfrentar o mercado de trabalho urbano.

A seguir, temos o depoimento do jovem Orman, que retrata bem essa realidade sobre a qual dissertamos.

#### BOX I

(...) Aí esse meu irmão tinha que trabalhar na roça, tinha que ajudar ele [o pai] no roçado, aí não tinha como estudar... Tudo era mais dificultoso do que hoje. Aí pronto, ele ia pro roçado, passava o dia todo na roça e quando chegava como era que ia estudar? Aí foi crescendo, aí no caso, tem o segundo [irmão], que é Paulo, aí esse tinha uma certa condição de estudar, tinha cabeça, mas não tinha muito, sabe? Até mesmo pra comprar um livro, até pra comprar um caderno, não tinha condições. Aí pronto, aí ele foi embora, disse: “Também não vou estudar, também não”... Muitos dias não podia ir, trabalhava o dia todinho, e aí, vai estudar como? Aí foi o terceiro estudou, fez o segundo grau completo, porque também ele era doente e meu pai evitava muito que ele fosse pra roça, ele tinha um problema de asma, ficou bom, graças a Deus. Aí eu também fui estudando, aí meu irmão mais velho, me apoiava, dizia que eu sou muito teimoso, muito danado, muito brigão, como diz o ditado, e ele dizia que era um sinal de que eu podia ter facilidade pro estudo, aí ele me apoiava muito, aí ele me botou pra estudar... Nesse tempo, ele já ia pra São Paulo, muitas vezes mandava o dinheiro pra eu estudar... No começo eu não gostava, porque no começo a gente não tem aquele entusiasmo pra estudar, não tinha aquela vontade de estudar, porque pra quê estudar? Ainda hoje eles [os jovens] dizem isto: pra que estudar? Se eu vejo totalmente o avesso: pessoas que têm um grau de estudo, sem ter oportunidade, enquanto outras pessoas que não têm um grau de estudo estão aí com seus belos empregos... Estudo é pra quem pode, não é pra quem quer. Minhas irmãs, as duas mais velhas, não estudaram do jeito nenhum, porque não tinham oportunidade. Estudaram até a quarta série, foram para Brasília (...). A escola hoje tá um pouco melhor, mas nesse tempo a escola era muito devagar, e até hoje, ela não ensina você ser o que você é. Porque eu nunca vi, aqui, a escola ensinar você a ser aquilo que você é; preservar aquilo que você é, ou seja, agricultor... Eu mesmo tenho orgulho de dizer que sou agricultor, mas na verdade eu sou um agricultor sem ser, porque eu me identifico como agricultor, aprendi muito com a agricultura, acho muito bonito meu pai mexer assim com a terra, eu acho lindo o jeito de ele pegar a terra, com amor, mexendo assim com a terra. A mão dele é toda calejada... Eu me identifico como agricultor, mas não tenho como trabalhar a agricultura, tá entendendo? Por que não tenho como trabalhar? Porque na verdade a gente tem que gostar do trabalho, mas de um trabalho que renda que dê pra você sobreviver. A escola podia ajudar, ensinando você a ser agricultor, ensinando você trabalhar, ensinando você mexer com a terra,

**(Osman, 22 anos, estudante de magistério, filho de pequeno agricultor, residente no povoado Jurema, Presidente do Grupo de Jovens e Vice-Presidente da Associação Comunitária João Paulo II).**

### 3.1 - Entre a reza e a festa

Nas entrevistas, 41% dos homens e 49% das mulheres afirmaram participar de algum grupo ou movimento em suas comunidades. Dentre os homens a maior participação se dá nos times de futebol (39,4%), grupos de jovens (30,3%), outras pastorais ligadas à Igreja (24,3%) e nas associações comunitárias rurais (06%). Para as jovens do sexo feminino os espaços participativos mais importantes são: pastorais e grupos de oração (45%), grupos de jovens (43%), associações comunitárias (08%), conselhos setoriais (02%) e times de futebol (02%).

Os números revelam a importância da Igreja católica e dos grupos aí existentes, sobretudo do grupo de jovem. São grupos que variam de dez a vinte componentes, entre homens e mulheres. A maioria das comunidades rurais possui seu próprio grupo, o qual é responsável pela organização da liturgia das celebrações - com ou sem o padre, catequese, círculo bíblico, organização das festas etc. Mesmo onde não tem grupo constituído é normal que alguns jovens, sobretudo, as moças, dediquem uma parte de seu tempo para os serviços da igreja, como na pastoral da criança, catequese etc.

Nas comunidades onde existem grupos, os encontros acontecem quase sempre nos finais de semana, sábado ou domingo. Essas reuniões são realizadas na própria igreja/capela, numa das casas de algum componente ou mesmo em um local previamente escolhido (escola, sede de associação, salão comunitário etc.). As reuniões são coordenadas por uma liderança do grupo (o/a responsável) e compostas de cânticos, orações, temas para discussão, que podem ser religiosos, como: liturgia, mandamentos, uma passagem bíblica etc; ou extra-religiosos, como sexualidade, afetividade, namoro, relação pai e filho etc. Em alguns grupos as discussões se fazem livremente, em outros, tais discussões são subsidiadas por reportagens e artigos, extraídos do jornal dominical, da revista Mundo Jovem ou de outro folheto/livro acessível ao responsável. Após as discussões, há um momento para comunicações de festas, missas e eventos da própria comunidade, da paróquia e até da forania<sup>11</sup> e/ou diocese. Este é, também, o momento das brincadeiras, algumas preparadas com antecedência. Geralmente a reunião termina com cântico e oração.

---

<sup>11</sup> Forma de divisão administrativa adotada pela diocese de Patos.

Durante a reunião, principalmente na discussão do tema, pode ser utilizada alguma dinâmica de grupo pelo responsável ou por outro componente, como instrumento para incentivar a participação dos demais. É comum, ainda, que as reuniões sejam perpassadas por conversas paralelas, risos e brincadeiras entre os pequenos grupos. Isso equivale a reconhecer no interior do grupo a presença de outros grupos – amigos, namorados - chamados de “panelinhas”. Pode ocorrer, também, que o centro da reunião do grupo seja a preparação de algum evento na comunidade ou fora dela (Encontro de jovens, festa do padroeiro, romarias etc.), assumindo a importância do planejamento e a divisão das responsabilidades entre os componentes.

São comuns as visitas e os encontros entre os vários grupos. Diz-se que um grupo foi visitar outro, sendo esse termo – visita – reservado para o encontro entre dois grupos, geralmente, de duas comunidades distintas. As visitas entre os grupos são feitas durante o momento da reunião, podendo o grupo visitado adaptar o horário da mesma a fim de que a visita termine com um almoço ou jantar oferecido na casa do responsável ou na escola da comunidade, seguido de uma celebração realizada na capela.

Dá-se o nome de encontro a um momento de estudo de um tema por vários grupos de jovens de uma mesma região, paróquia, forania ou diocese. Os encontros acontecem, quase sempre, nos finais de semana, começando na sexta à noite e terminando no domingo com o almoço. Durante um encontro, os jovens refletem algum tema importante, tanto do ponto de vista religioso (campanha da fraternidade, vocação, páscoa etc.) como do ponto de vista pessoal (sexualidade, drogas, violência), e contam com a ajuda de algum/a assessor/a externo, seja padre, seminarista, ou um profissional católico convidado – psicólogo, pedagogo etc.

O encontro começa, geralmente, com uma dinâmica de apresentação e entrosamento dos vários participantes, que se hospedam num mesmo local – na maioria das vezes numa escola da cidade ou do sítio acolhedor/a - onde o momento da dormida transforma-se numa festa, dado o clima de brincadeira que reina nos dormitórios. Moças e rapazes dormem em quartos separados (salas de aula improvisadas). É comum que, no dia seguinte, muitos reclamem da dormida em razão do barulho ou “farra” dos que preferiram passar a noite conversando e brincando, a qual envolve desde simples canções, piadas, até concursos de dança.

O dia começa com o café da manhã, seguido de oração comunitária e trabalhos, os melhores assessores/as são os que utilizam técnicas de dinâmicas de grupo,

promovendo a participação de todos (trabalhos em grupos, dramatizações, brincadeiras etc.). Os trabalhos se encerram às dezessete horas e são seguidos de jantar e preparação para missa. Após a missa, os jovens podem voltar para o local do encontro, onde acontece a “noite cultural”, previamente preparada por uma equipe formada para este fim, e que pode envolver shows de calouros, dinâmicas de animação, jogos etc. Pode acontecer, também, que os jovens optem por substituir a “noite cultural” para conhecer os pontos turísticos da cidade – praças, boates e clubes.

No domingo, pela manhã os trabalhos são retomados com a mesma dinâmica do dia anterior – café, oração, trabalhos – encerrando-se por volta do meio dia com a avaliação, seguida pelo almoço e por pequenos rituais de despedidas (abraços e beijos, entrega de pequenos presentes, denominados lembranças, etc.), celebrados entre os participantes. Durante a avaliação é normal que itens como as dinâmicas, brincadeiras, comidas, sejam mais enfatizados do que o conteúdo trabalhado, o que revela o caráter de sociabilidade desses espaços.

Enfatizo três dimensões presentes no espaço dos grupos de jovens, já que, para nós, tais grupos podem ser pensados como espaços, concomitantemente educativos, sociais e políticos.

Entender os grupos de jovens, como espaços educativos, implica em considerar a importância da educação não-formal na constituição dos sujeitos sociais. Os grupos de jovens são espaços de disseminação de saberes, hábitos e atitudes. Participar desses espaços significa a possibilidade de usufruir a oportunidade, para muitos única, de expansão das redes de relações sociais. É o que está implícito na fala dos participantes que veem nestes espaços um lugar onde “se faz amigos”, ou seja, onde se adquire capital social. E mais: são espaços por onde circulam saberes, representações sociais sobre ser jovem, ser gente, carregadas de valores do ideário cristão; e também saberes práticos. É no grupo, muito mais do que na escola, que os jovens aprendem a utilizar adequadamente a linguagem oral, a se expressarem em diferentes espaços, com desenvoltura; é no grupo, ainda, que se aprende e se aperfeiçoa a qualidade de liderança. Conduzir uma reunião, debater um assunto, organizar um evento, desenvolver uma dinâmica, mobilizar o grupo, são ações que requerem múltiplas atividades, dotando os seus realizadores de um saber-fazer ligado a essa prática social que poderá ser utilizada em outros espaços-campo, como na escola e no trabalho, com grande influência para trajetórias posteriores dos sujeitos.

O grupo possui uma dimensão social que se constitui, também, como espaço de lazer; espaço para onde se vai aos finais de semana, nas horas vagas, do não-trabalho. Quem observa uma reunião semanal de algum grupo desses, percebe que a estrutura ideal, acima descrita, possui muito de intencionalidade, mas que, na realidade, a mesma é perpassada por momentos de descontração e brincadeiras que acabam dando o tom de muitas reuniões. Os participantes vão chegando em pequenos grupos de dois ou três amigos/as. Os mais próximos sentam-se juntos. É nesses pequenos grupos que se planejam lazeres, atividades de finais de semana, circulam informações extras – algum/a novato/a que se encontra na comunidade, e até comentários das festas passadas e futuras da comunidade e do município. O momento que antecede a reunião é também o momento de piadas e brincadeiras jocosas, cujo alvo pode ser alguém do grupo ou não; alguém presente ou ausente à reunião. E, há também reuniões cujo motivo principal é a descontração. Reúne-se para brincar, ficando uma equipe responsável pelas brincadeiras, das quais todos/as devem participar. Todavia, mesmo nas reuniões mais sérias, há sempre um momento reservado para descontração – danças, brincadeiras, jogos etc.

Finalmente, como terceira dimensão dos grupos de jovens, é a dimensão política, visto que o grupo de jovens se constitui num espaço privilegiado de participação juvenil. Portanto, esse é um espaço de ação coletiva, desde a organização da festa dos padroeiros, passando pelas campanhas de caráter assistencialista, até a realização de grandes ações, com um conteúdo nitidamente político, visto que o foco é a intervenção nos espaços de decisão política, a exemplo de atos públicos contra a violência, em prol da água, organização de campeonatos de futebol para a juventude etc.<sup>12</sup>. Recapitulando: para muitos do município, os grupos de jovens da paróquia representam um lugar de mediação entre a família e a sociedade mais ampla. É no interior desses espaços que os jovens são socializados num conjunto de valores cristãos que irão refletir-se em práticas sociais e processos de construção de identidades. É um lugar de experimentação de papéis, de construção de laços de amizade e de projetos pessoais e coletivos. Nas palavras dos entrevistados, é o “espaço de lazer”, “lugar de aprendizagem”, “lugar onde

---

<sup>12</sup> Vale a pena ressaltar que muitas das associações comunitárias rurais e outras formas de organização das comunidades rurais do município foram resultados do trabalho do grupo de jovens, especificamente, na década de oitenta, quando, influenciados pelo ideário da Teologia da Libertação, o Grupo de Jovens Unidos em Cristo – JUC, da paróquia, envolveu-se num trabalho de formação das primeiras comunidades eclesiais de base do município.

se faz amizades”. Não significa que é um lugar sempre harmonioso, pois os conflitos existem e vão desde simples rivalidades entre alguns componentes, cuja gênese pode se encontrar em outros espaços até as disputa pelo poder que pode ter um caráter mais ou menos velado ou à inimizades construídas no interior do próprio grupo e que resultam, na maioria das vezes, em abandono do grupo por um dos rivais. Dependendo da intensidade dos conflitos presentes em um grupo, este pode vir a desfazer-se.

Os grupos de jovens costumam ter um curto período de existência, sendo desfeitos e refeitos a cada tempo. Segundo Manoel Marcelo, coordenador da Pastoral da Juventude no município, o período de “vida” de um grupo de jovens geralmente é de um a dois anos, quando o mesmo tende a ser esvaziado. Isso pode acontecer porque suas lideranças acabam “deixando o município”, seja por causa dos conflitos, inevitáveis, ou porque os jovens, encantados no início de sua participação, acabam achando o grupo monótono, posteriormente, e, dessa forma, buscando novas aventuras. Mas, há também alguns grupos mais antigos, como é o caso do grupo JOC – Galileu, localizado no povoado Jurema, um dos grupos de “jovem” mais “velho” do município, que orgulha muito dos seus doze anos de existência. Em todos esses anos, o grupo conseguiu ir se renovando graças à entrada constante de novos membros.

Os grupos possuem seus tempos “fortes” e “fracos”. Há um tempo em que o grupo goza de mais intensidade, tem uma vida mais ativa. Os jovens novatos são os mais empolgados. Com o tempo, a motivação vai sofrendo um decréscimo e o grupo vai entrando em um tempo “fraco”, com dificuldade de reunir o pessoal, sem projetos, os componentes vão desencantando-se. Nesse momento, se não houver uma renovação do grupo e das lideranças, o grupo pode deixar de existir.

Tempos “fortes” e “fracos” podem estar ligados a algum acontecimento externo que impacta o grupo, a exemplo da política. Assim, é normal que, após a política, os jovens, cujas famílias “acompanharam” o candidato perdedor, se afastem por um tempo da vida social, numa espécie de luto, isto é, tempo de elaboração da “derrota”. Durante o trabalho em campo, ao perguntar aos jovens sobre a participação em algum grupo da comunidade, era normal escutar resposta como esta: “Participava do grupo de jovens daqui. Eu acho que acabou. Depois da política, o Paulo César [líder do grupo] se afastou” (Rosângela Vieira, 16 anos, filha de pequena agricultora, sítio Domingos Ferreira). Além da política, também a migração dos jovens tem provocado uma retração desses espaços organizativos, uma vez que muitas lideranças desses grupos e dos times

de futebol, dois espaços importantes para os jovens, migram sazonalmente. É o que faz com que o período de migração possa ser vivenciado pelo grupo ou mesmo pelo time de futebol como um “tempo fraco”, dada à ausência de seus componentes.

Como motivo para participação nos espaços organizativos, os jovens entrevistados citam a “vontade de ajudar a comunidade; vontade de participar e de aprender junto; ajudar com algum trabalho no lugar; buscar recursos para a comunidade e contribuir para o desenvolvimento pessoal e social”.

A seguir, trazemos novamente um depoimento de Osman, um dos líderes comunitários do distrito de Jurema, que retrata bem o que discutimos acima.

#### BOX II

Minha mãe me levava pra Igreja, até de colo ainda, desde pequeno meu pai me levava. Aí pronto, quando eu fui crescendo, minha mãe me levava, me levava e me sentava no banco, eu ficava bem sentadinho, nem sabia o que tava fazendo lá, mas ela dizia que a gente tem que aprender de criança, se não aprendesse de criança, quando chegasse numa idade mais avançada, ia aprender coisas que não era boa para a vida, *dizia que a Igreja educava, em minha opinião, educa muito*. A gente ver, tipo assim: quando eu fui pra São Paulo, encontrei muitas pessoas assim... Muitos drogados, muitas pessoas assim... Meio perdidas no mundo, sem saber o que é que tá fazendo no mundo e chegava muitos que pegava minha mão e colocava droga, juntava a dele na minha mão... *Aquela educação que eu tive, mesmo religiosa, serviu: eu tinha medo de fazer aquilo, porque eu aprendi, com meus pais, que aquilo é uma coisa que não é de Deus*. Que nem eles [os traficantes] dizem “Você fica mais solto... Tem coragem de fazer coisas, que você não tem...”. “E pra quê, eu tenho que ter essa coragem? Na verdade eu pra ser um homem certo, até certo ponto, tenho que ter meu medo”, porque o cabra tem coragem pra quê? Pra matar? Pra roubar?... Eu ia, gostava, eu me sentia obrigado a ir, eu sou uma criatura, eu não posso ficar aí solto no mundo, sem ter uma religião, sem ter um Deus, eu tenho um criador, e eu tenho que amar esse criador... *Aí comecei a participar assim, sabe, aquilo solto, tinha um grupo de jovem na Jurema, o JOC Galileu, um grupo que, ainda hoje tem e que foi formado há muito tempo, era um grupo muito participativo na comunidade, agia, agia tanto religiosamente como socialmente, lutava por alguma coisa que a gente via que tava meio errada*. Se unia, unia a juventude pra lutar por aquilo que quer, por aquilo que lhe é direito. *Aí eu comecei a participar desse grupo de jovem, ia mais por farra, porque não tinha outro lazer, no caso quando aqueles jovens se uniam, era aquela festa, não sabe?* E eu comecei a participar ativamente do grupo de jovem e da associação comunitária depois que eu fui pra São Paulo e vi um pouco o mundo o que é...

**(Osman, 22 anos, filho de pequeno agricultor, residente no povoado Jurema, Presidente do Grupo de Jovens e Vice-Presidente da Associação Comunitária João Paulo II).**

### 3.2 Sobre jogos e bailes

Outro espaço bastante privilegiado pelos jovens, sobretudo os do sexo masculino, são os times de futebol. Assim como o grupo de jovens, também os times de futebol estão presentes em todas as comunidades rurais e urbanas (cidade e povoados). São espaços eminentemente de lazer, embora possuam também uma dimensão política e educativa. Por muito tempo os times foram espaços exclusivos dos homens, mas, visitando as áreas rurais podemos constatar a existência de times femininos em muitos sítios e até mesmo nos povoados. Os jogos acontecem sempre aos domingos e são antecedidos de treinos no decorrer da semana. Durante o jogo, times de comunidades diferentes se encontram, sendo que a regra é: o time que hoje acolheu o adversário seja por este acolhido em sua própria “casa” [lugar de origem]. Diz-se que o time está jogando ou vai jogar em casa quando o jogo em questão se realiza no sítio/povoado/cidade do mesmo; quando, ao contrário, se vai jogar num sítio/povoado/cidade distinto do lugar onde se mora, diz-se, então, que o time vai jogar “fora”.

O encontro não se dá apenas entre os jogadores, pois é comum que o time visitante traga consigo outras pessoas das comunidades de origem, especialmente mulheres, quando se trata de times masculinos. O momento do jogo é uma ocasião festiva no sítio onde é realizado. Os preparativos começam logo cedo. Nas casas, as façanhas dos dois times são comentadas. Na hora do jogo o campo é “invadido” por adultos, jovens e crianças, pessoas que vêm torcer pelo time da comunidade. Outros/as vêm em busca de algum dinheiro. São os vendedores de picolés, pipocas e cachaça. E alguns, em sua maioria jovens, vêm em busca de conhecer gente nova. Assim, enquanto os adultos tendem a permanecer num mesmo local durante todo o jogo, os jovens se movimentam, constantemente, ao redor do campo. Durante esses passeios são comuns os jogos de olhares, palavras e, dependendo da sorte, beijos e abraços, podendo terminar bem longe do campo. Alguns pais/irmãos exercem um controle maior sobre suas filhas/irmãs, buscando acompanhá-las durante o jogo ou não permitindo que elas se percam de vista.

Os jogos se dividem basicamente em três categorias: a) o jogo, propriamente dito; b) torneios; e, c) campeonatos. O jogo envolve sempre dois times de locais diferentes que, reciprocamente, se visitam. Os torneios envolvem vários times de

distintos locais. Durante a coleta de dados, podemos presenciar um torneio no sítio Domingos Ferreira com a presença de vinte times. O torneio envolve uma organização maior do que o jogo, pois nele é preciso que haja prêmios pelos quais se joga, sendo de responsabilidade do time organizador a mobilização de recursos necessários à realização do torneio. Por fim, os campeonatos são, também, conjuntos de jogos que podem se realizar num período maior de tempo, e variam de meses até algumas semanas. O final é realizado em clima de bastante festividade, envolvendo desfiles dos times que participaram; banda de música; presença de autoridades; e encerramento, sempre, com a entrega de troféus aos times vencedores. Mas, o jogo é também cenário de brigas<sup>13</sup>. Embora não tenhamos presenciado nenhuma briga nos jogos a que assistimos, durante a coleta de dados, ouvimos vários relatos de jogos que terminaram em brigas.

Indagados sobre a participação nos times de futebol, os jovens entrevistados responderam “gostar de jogar; vontade de um dia jogar bem; e por ser uma diversão”. Para muitos, “a única diversão com que o cabra se diverte aqui”.

Ao lado dos campos de futebol, outros espaços de lazer<sup>14</sup> apresentados pelos jovens entrevistados foram: açudes, boates, bares/lanchonetes, clube, escola, festas, igrejas e praças. (Gráfico 03).

Os dados do Gráfico 03 estão agrupados por sexo e local de moradia. Assim é possível perceber que a praça é freqüentada mais pelos jovens da cidade do que pelos

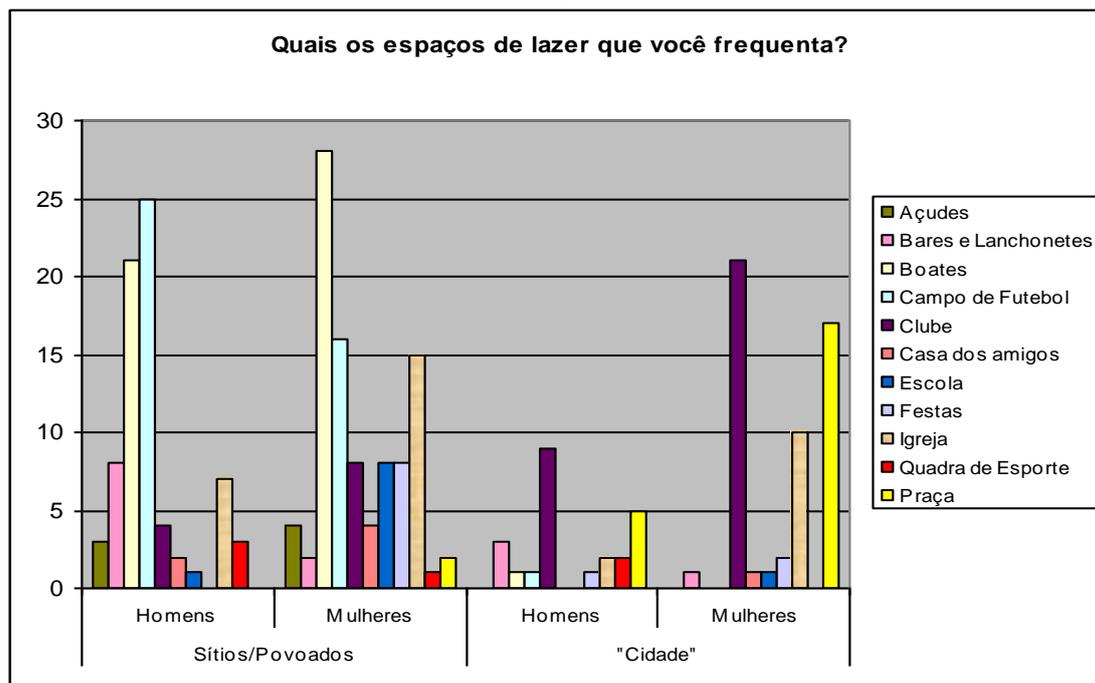
---

<sup>13</sup> Assim como na Zona da Mata de Minas Gerais (Cf. COMERFORD, 2003), também no espaço em questão, o termo briga refere-se a 1) um episódio específico de agressão entre duas ou várias pessoas; 2) à uma seqüência desses episódios; 3) à uma ruptura que redunde em hostilidade e evitação mas não necessariamente em agressão efetiva, violação aberta dos limites; 4) a um estado de tensão latente que pode a qualquer momento levar a essa violação agressiva. (COMERFORD. Op. Cit. p. 69).

<sup>14</sup> O lazer pode ser visto a partir de duas perspectivas: a primeira, como as atividades realizadas no tempo do não-trabalho e, a segunda, como um componente presente em todas as atividades humanas. A primeira perspectiva está relacionada ao advento das sociedades industriais e sua conseqüente compartimentalização do tempo em tempo de trabalho e tempo de lazer. Assim, por exemplo, Carrano (2003), fundamentado em Elias & Dunning (1992) define o espaço de lazer como *um espaço/tempo no qual estão diminuídos os constrangimento da vida social, predominando as atividades e experiências dirigidas para objetos impessoais* (CARRANO, Op. Cit., p.139). Por outro lado, trabalhos recentes, como o de Mota (2003) vem chamando a atenção para as formas de lazer – sociabilidade – como constituinte, também, das relações de trabalho. Nessa segunda perspectiva o lazer não é algo separado, mas, ao contrário, algo que, constituindo o ser social, se faz presente onde quer que este esteja inclusive nos espaços/tempo de trabalho. Creio que podemos estabelecer um continuum entre dois extremos (Trabalhos – Lazer) para enfatizarmos a existência dos dois componentes da série (Trabalho-Lazer), em todas as situações humanas, porém, em proporções sempre diferenciadas. Chamo a atenção para o fato de que neste momento estou considerando uma das extremidades da série (lazer), sendo possível assim, falar em espaços de lazer, em contraposição a espaços de trabalho e, entendendo tais espaços, a partir da predominância do lúdico sobre os constrangimentos sociais de que nos fala Carrano (Op. Cit.).

dos sítios e povoados. Aqui o item *boates* aparece com mais frequência do que *clube*. Isto pode estar relacionado à existência de boates nos povoados, pois os clubes estão presentes apenas na sede do município e em dois sítios (Domingos Ferreira e Macambira).

Gráfico 03  
Espaços de lazer da juventude tavaresense



Fonte: Dados do autor.

Notemos que açudes e bares são espaços mais masculinos do que femininos, e também mais frequentados pelos jovens que vivem nos sítios/povoados do que pelos da “cidade”. Boates e campos de futebol são espaços tanto masculinos quanto femininos, porém, bem mais presentes para os jovens que vivem nos sítios e povoados do que para os que vivem na “cidade”. Clube e praça, por sua vez, são espaços mais da “cidade” do que dos sítios e povoados. As nuances, todavia, não são resultados de uma fronteira rígida entre jovens dos sítios/povoados e jovens da cidade, mas apontam para fatores como a distância-proximidade dos aparelhos sociais de lazer e sua apropriação mais ou menos intensa pelos atores. É comum que devido à ausência de praças nos sítios e povoados este item apareça com menos frequência do que os campos de futebol, presentes em todos os sítios do município.

Para concluir esta seção apresentamos trechos do diário de campo que visa retratar um pouco do cotidiano dos jovens tavaresenses, evidenciando como esses espaços de lazer são apropriados e, dessa forma, construídos. Enfim, identificar os diferentes ritmos dessa apropriação e confrontar o tempo de lazer com os demais tempos vivenciados por eles, sobretudo, com o tempo de trabalho.

### **3.2.1- Um olhar sobre o cotidiano**

Segunda-feira. A noite reluta em entregar-se ao dia, mas os olhos de quem percorre a rua central do município são tomados pelos movimentos dos feirantes. Esses são homens e mulheres que fazem deste espaço algo semelhante aos bastidores de um espetáculo, com a única exceção de que, diferentemente de artistas, eles não sabem que estão representando e preparando-se para mais um espetáculo: A feira! Na escuridão, bancas são armadas e os primeiros raios de sol encontram um rico borbulhar de cores, sons e movimentos. Mercadorias estendidas nas barracas de madeiras dividem o espaço da feira em várias feiras: de roupa; de frutas; de miçangas; de gado; e de troca, entre outras. Por ela circulam mulheres e homens; jovens, adultos e crianças. Muitos vieram de sítios e povoados distantes. Alguns trouxeram mercadorias próprias, principalmente, verduras (coentro e alface), frutas (goiaba, caju, manga) e cereais (feijão, farinha e milho). As vendedoras de queijos, ovos e galinhas, já têm freguesia certa, e as que não têm, por venderem apenas esporadicamente, circulam pelos espaços com suas mercadorias na mão, oferecendo-as aleatoriamente. Pelas ruas, criadores puxam rebanhos: gado, suínos e caprinos que trazem para serem vendidos ou trocados. E os jovens? Eles estão nas barracas. São vendedores ou ajudam seus pais. Se homens, vendem principalmente gado, verduras e frutas (tomates, bananas, batatinhas etc.) roupas e calçados. Se mulheres, é comum vê-las ajudando pais e mães em suas barracas; Os que não vieram vender circulam como compradores. Pelas feiras de roupas, frutas e verduras circulam mais mulheres do que homens; já nas feiras de troca e de gado, é o inverso que acontece.

Foi na feira que encontramos Luiz Francisco de Lima, 21 anos, vendendo “pastéis” – na feira de verdura. Ele desistiu de estudar quando cursava a 6ª série e fazia planos de ir para São Paulo. O pai é marchante e também dono de bar. Um negócio da família, diz Francisco, que tem mais quatro irmãos, sendo três homens, dos quais ele é o

mais novo. Volto a perguntar sobre os planos de ir para São Paulo e ele fala que a família era contra. Como já tinha trabalhado oito anos com o tio, também vendedor de pastéis, o pai resolveu comprar uma barraca para que ele pudesse colocar seu próprio negócio. Está tão contente que não pretende ir mais para São Paulo. “Pensamento agora é trabalhar no serviço e seguir curtindo a vida”, completa Luiz Francisco.

Para trabalhar na feira, supõe-se certo capital cultural que pode ser adquirido na própria feira. Esse terá maior facilidade para os que têm um parente próximo já estabelecido, como foi o caso de Luiz Francisco. Mas, além do capital cultural, comercializar na feira supõe um capital econômico nem sempre disponível pela família, dificultando este tipo de inserção. Todavia, isso não vem a impedir, como revela a história de João Batista dos Reis, 22 anos, 9º ano, residente no Sítio Olho D’Água Seco, único filho homem de um casal de pequenos agricultores.

Quando João Batista tinha doze anos, a mãe fez um canteiro de coentro para consumo da família. Porém, “tendo chegado de uma vez só” e como a família era pequena, “não dava pra consumir tudo”. Então, o pai orientou que João fosse vender. Saiu com uma bacia de coentro e, com sucesso, voltou para casa com três reais, lembra o rapaz: “Ave Maria! Cheguei em casa tão alegre, com esses três reais. Porque, nesse tempo, tinha mais valor e nós lá no sítio... Aí eu cheguei em casa com esses três reais. Aí pai disse: ‘Agora, vamos fazer canteiros’. Nós não tínhamos nenhum comércio nesse tempo. ‘Vamos fazer canteiro, agora’. O negócio progrediu. Sempre orientado pelo pai, João começou fazer também a feira de Princesa Isabel. Foi economizando, comprando um bode, um porco, depois uma vaca, até que conseguiu colocar uma bodega no seu próprio sítio.

Orientado pelo cunhado, que também era comerciante, o pai de João começou a investir no comércio comprando roupas em Caruaru. Era aonde ele ia com o cunhado, acompanhado por João Batista, que começou a se interessar pelas casas de flores. Terminou investindo intensamente nesse negócio e hoje tem uma pequena loja do produto – flores e arranjos artificiais – muito conhecida na cidade. Bem entrosado na escola, a diretora começou convidando João Batista para fazer as ornamentações dos eventos escolares, contribuindo para o aumento do seu capital simbólico. Hoje, ele é referência nas festas de casamentos, ornamentação de clubes e igrejas, entre outros. Sair do município não está nos planos de João. No ano de 2004, conseguiu comprar um

terreno no sítio pelo valor de três mil reais. Perguntamos quanto hectares e João não sabe responder, diz que não entende: “É tudo com pai”.

Mas a feira não é apenas um espaço de comércio, por isso, diferentemente de Francisco e de João Batista dos Reis, há os que não vieram comprar nem vender, por que a feira é também ponto de encontro. Assim, há os que vêm apenas passear ou encontrar-se com o/a namorado/a que moram em sítios distintos. Esses são os que logo cedo se apropriam da praça. Os jovens da “cidade”, se estão na praça durante o dia de feira, dizem que estão passando, pois quem vai à praça na segunda-feira são os “matutos dos sítios”.

Ao lado da praça, os bares são também territórios dos jovens. Da praça é possível vê-los chegando, sempre em grupos de dois, três, quatro, até cinco companheiros, geralmente, dos mesmos sítios ou povoados. Sobre a mesa, a Pitú ou latinha, como eles chamam, e alguns refrigerantes, pois Pitú sempre é servida acompanhada. Na praça, o consumo é mais barato, porque é feito de picolés, pipocas e bombons. Por isso, a praça é mais acessível. É o que diferencia dos bares, onde quem não pode pagar evita sentar, a não ser como convidado de alguém que pague as despesas.

Praça e bares, como a feira, têm seu ciclo de tempos “fracos” e “fortes”. Assim, diz-se que uma feira foi “ruim” ou “fraca” quando o movimento de pessoas e de dinheiro é pouco. Feiras boas são as do tempo da colheita, quando o agricultor leva alguma coisa para vender e pode comprar; e as feiras do começo do mês, quando os aposentados recebem a “aposentadoria” e fazem as compras para o mês inteiro. Também, nos finais de ano, quando os jovens “canistas” estão de volta, as feiras e bares se transformam. O comércio inteiro percebe a mudança tão bem descrita na frase curta de Givaldo, dono de um dos bares localizado ao lado da praça: “Tempo que os canistas chegam, é o nosso inverno”.

Ao meio dia, os carros dos feirantes começam a fazer o caminho de volta, levando não apenas adultos, velhos, jovens e crianças, mas também mercadoria, a feira. Os jovens que ficaram se apropriarão, durante a tarde, das boates localizadas defronte a praça central.

Boates são espaços interditados às jovens tanto da “cidade” quanto dos sítios e povoados, proibidas de entrarem nesses espaços, vistos por muitas pessoas dos sítios, povoados e da “cidade”, como um “antro” da perdição, lugar de “quenga”, “mulher sem

futuro”. As que rompem o tabu acabam sendo mal vistas. Esta imagem negativa associada às boates da “cidade” contrasta com a imagem das boates localizadas nos povoados, que gozam de boa reputação. Estes são tidos como lugares próprios e legítimos de jovens, que realizam bingos dançantes, forrós e festas. É, também, onde a comunidade celebra seus eventos, como: festas de formaturas, aniversários, casamentos e até mesmo encontros de jovens da igreja. Desse modo, tais boates acabam tendo a mesma função assumida pelo clube da cidade.

A partir das dezoito horas, novos personagens entram em cena, são os estudantes que chegam dos vários sítios e que, também em grupo dirigem-se às escolas, onde permanecerão até aproximadamente às vinte e duas horas, quando, terminadas as aulas, descerão para a praça, onde circularão em grupos. Alguns preferem permanecer próximo ao local onde pegarão o carro que os levará até o sítio/povoado. Outros passarão ainda pelo clube que, nas segundas-feiras, é aberto das nove horas da noite até às duas da madrugada do dia seguinte. Se a praça é o local para onde se vai “conversar com os/as amigos/as”, o clube é o local de “dançar, namorar, se encontrar com a galera”. Além das segundas-feiras, o clube funciona também às quintas e aos sábados. Diz-se “ir ao clube” quando não é dia de bingos nem de festa, então, se diz “ir ao bingo” ou “ir à festa”, embora as três expressões possam se referir ao mesmo local. “Ir ao clube” é utilizada nos dias em que não “tem gente de fora” e nos quais há, no clube, apenas o som ligado, ao contrário dos bingos e bailes dançantes promovidos, regularmente, pelo dono do clube, em parceria com turmas de alunos concluintes (9º ano e 3º ano Normal). Sua motivação maior é a presença de um extenso número de pessoas, já que as turmas concluintes são, não apenas do município em questão mas, também, dos municípios vizinhos, os que abrem a possibilidade para os jovens conhecerem gente nova, aumentando as chances, para os descompromissados, de encontrar uma paquera ou namorado/a. Já a festa é um baile de maior porte devido a presença de bandas musicais ou cantores, e gente famosa, especialmente, quando com passagens pela televisão. Ao contrário dos *bingos* e do *clube* (apenas som ligado) que são realizados no Palmerão Clube – único clube da cidade, as festas podem ser realizadas, também, nas ruas. Isso vem ocorrendo com muita freqüência graças à iniciativa do poder público (Carnaval, São João etc.) e de instituições locais, a exemplo da Igreja Católica, que tem realizado algumas quermesses por ocasião das festas de padroeiros.

Pelo menos dois sítios do município (Domingos Ferreira e Macambira) também possuem seus clubes, os quais funcionam com o som ligado em alguns finais de semana – Sábado – e nos dias de festas. Se, referindo-se ao clube da cidade, os jovens usam as expressões: “Ir ao clube”, “Ir ao bingo” ou “Ir à festa”; ao referirem-se ao clube dos sítios, os jovens moradores utilizam uma das duas expressões: “Ir ao forró/ baile” ou “Ir à festa”. Forró e baile são expressões equivalentes e referem-se ao som ligado enquanto que “ir à festa” tem a mesma conotação da “cidade”, possuindo a festa uma amplitude maior do que o forró ou baile, dada pela presença de bandas, de um maior número de pessoas, inclusive “gente de fora”. Mas, se por um lado, a festa é melhor do que o baile/forró, por ter mais gente estranha, “de fora”; por outro lado, é um ambiente mais inibidor, onde os movimentos são mais controlados. No forró/baile, se está em casa, o que abre espaços para movimentos ousados e insinuantes. Não há uma compartimentalização dos espaços/turmas, pois todos são como se fosse “uma única família”. Entretanto, nas festas nem todos são conhecidos, pois se sente mais fortemente a presença do outro, do estranho, a ousadia e insinuações são restritas aos espaços dos pequenos grupos, os quais procuram delimitar o território, o que se faz utilizando-se de uma mesa cercada de algumas cadeiras. É ao redor da mesa que o grupo deve permanecer. Os estranhos não devem “invadir” esse território, a não ser que seja convidado/a.

Sábado é o dia preferido para realização de festas, bingos, forrós e mesmo para se ir ao clube, mas sempre após a missa. Assim a Igreja e, especificamente, a missa do sábado é o ponto de encontro dos jovens locais, ao menos para os que vivem na “cidade”. Vai-se à missa ao sábado não tanto para rezar, mas, sobretudo, para encontrar-se com a galera e depois “descer”, isto é, ir à praça, ao clube, à festa ou ao bingo. Nesse sentido, a missa do sábado é preferida à de Domingo, pois “no sábado é melhor porque a maioria das/os amiga/os vão aos sábados e porque depois a gente desce para a rua” (Daiana Lima, 17 anos). Já nos sítios, quando não há forró/baile nem festas, os grupos se encontram, geralmente próximo à capela, onde ficam até altas horas da noite. Não mais que vinte e duas horas. Alguns conversando, namorando outros. Os que têm motocicleta buscam aventuras mais longínquas em outro sítio que tenha “forró/baile” ou “festa”, na “rua”, ou mesmo em alguma cidade vizinha.

Quando há festa em alguma cidade da região, pode-se vê-los, a partir das vinte e uma horas, chegando defronte ao banco, localizado de frente a Igreja matriz, onde

carros estacionados os esperam. Dependendo da festa, os carros saem lotados e o que parece determinar uma festa é, sobretudo, bandas famosas, de preferência com passagens pela televisão e/ou muito tocada nas rádios.

O domingo é dia de acordar tarde, visitar amigos/as, passear em outros lugares, jogar futebol, reuniões do grupo de jovens, fazer catequese e se preparar para outro dia de feira.

Além da frequência a esses espaços, os jovens entrevistados registraram, também, como atividades de lazer “assistir televisão” e “ouvir música”. Dentre os programas televisivos, os mais citados são as novelas, o seriado *Malhação* e os telejornais. Em termos de músicas, as preferidas são as bandas de forró: Calcinha Preta, Mastruz com Leite, e os cantores românticos, do mesmo estilo de Bruno e Marrone. Se assistir televisão requer um tempo extra, de não-trabalho, sendo uma atividade realizada mais a noite do que durante o dia e mais nos finais de semana do que durante a semana; ouvir música é algo que se faz concomitantemente à outra atividade. Assim, é comum que durante as manhãs, o som esteja ligado quando as meninas estão arrumando as casas, geralmente no último volume. Esta é também a hora em que os pais estão fora, trabalhando. Os meninos preferem ouvir som à noite, na praça ou nos bares. Todos os sítios possuem seus bares, ponto de encontro para os jovens do sexo masculino. Cada bar tem uma mesa de sinuca e à noite, mesmo durante a semana, sempre é possível encontrar um grupo de amigos bebendo, jogando sinuca ou simplesmente ouvindo música. A maioria dos bares tem aparelhos de DVD, os quais permanecem sempre ligados, para atrair a clientela, com *clips* das bandas de forró mais populares.

Conforme já trabalhado por outros autores (BRANDÃO, 1999; HEREDIA, 1979 e WEISHEIMER, 2004), a casa é o lugar mais da mulher do que do homem, sendo o roçado o inverso<sup>15</sup>. Assim, é regra que as meninas passem a maior parte do tempo

---

<sup>15</sup> Heredia (1979) mostra como desde cedo a separação sexual entre os filhos vai se dando na família camponesa, desde o lugar que meninos e meninas ocupam para dormir até a divisão das tarefas em diferentes idades. Com efeito, segundo esta autora, entre os seis e sete anos, meninos e meninas cumprem tarefas ligadas à casa, sendo que às meninas são reservadas aquelas atividades “definidas como femininas”, enquanto que aos meninos são reservadas às mais próximas das consideradas masculinas, como cuidar do gado, fazer compras etc. Aos treze anos, já considerados rapazes e moças, os filhos começam a trabalhar para suprirem seus gastos, sendo a partir deste momento que a relação entre o filho e o roçado e entre a filha e a casa se torna mais nítida. Para Weisheimer (2004), esta divisão de trabalho por sexo, implica em socialização diferenciada para os rapazes e moças, servindo inclusive de chave de leitura para os projetos profissionais dos filhos de agricultores. Por sua vez, Brandão (1999), estudando camponeses ns bairros rurais paulistas, diz-nos que “apenas separar os espaços segundo os gêneros, ainda quer dizer pouco” (p. 38), convidando-nos, assim, a nuançar, a partir do sentido de complementaridade, a dicotomia homem e mulher. Segundo este autor, “de uma maneira predominante os atos considerados

cuidando dos serviços da casa enquanto os meninos ajudam o pai no roçado ou, dependendo da disponibilidade, trabalhem no alugado para uma outra família de agricultores locais. Na “cidade”, principalmente para os que não têm emprego, esta é também a regra. Não pensemos, porém, em exclusividades, uma vez que há circulação de mulheres e homens pelos espaços da roça e da casa, ou, falando da cidade, da casa e da rua. Assim, se é regra encontrar as meninas em casa também é possível encontrá-las no roçado, onde exercem tarefas distintas e complementares aos rapazes, como: “colocar as sementes” nas covas abertas pelos irmãos, trabalhadores eventuais, ou o próprio pai; “coletar alguns frutos, como a castanha do caju”; cuidar do “canteiro”, plantio de verdura, feito próximo à casa; cuidar dos animais pequenos (porcos e galinhas) etc. Eventualmente, dependendo do tamanho da família e da (in) disponibilidade de filhos homens, são as meninas que assumem alguns cuidados com o gado, como levá-los para pastar, pela manhã, dar de beber e trazê-los, à tarde, de volta ao curral, “encurrular”. Ainda a limpa ou o carpir pode ser um trabalho feminino, coordenado pela mãe, sobretudo quando o roçado está pronto e os homens migraram todos para os trabalhos sazonais, nas lavouras de cana, localizadas no sul do país.

Brocar a terra; fazer a coivara e a queimada; limpá-la; destocá-la; prepará-la para o plantio; fazer as covas; plantar de máquina; limpar o mato; arrancar o feijão; quebrar o milho; e mais: pegar água para casa, principalmente, quando a mesma não possui cisternas e está localizada muito longe dos tanques e açudes. Essa são todas tarefas masculinas, como também são os cuidados com o gado e o cavalo, quando a família os tem; fazer cerca e plantar capim. Tarefas assumidas e gerenciadas pelo pai, que detém o saber e o poder. Ele é, com efeito, o organizador das tarefas desenvolvidas pelos membros de sua família (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997).

Inseridos no trabalho desde a tenra infância, quando os pais os levam para o roçado para brincarem, fazerem eventualmente algum “serviço pequeno”, ou incumbidos de “levar o almoço” e “cuidar do gado”, os filhos vão incorporando um capital cultural centrado no trabalho. Capital este valorizado pelos seus detentores, como expressa Jackson Honorato, 16 anos, 1ª ano médio filho de pequeno agricultor e cortador de cana – Sítio Domingos Ferreira: “Aprendendo cedo a pegar no pesado,

---

como de domínio-destruição da natureza são masculinos, enquanto que os atos tidos como de incorporação-fecundação da natureza são mais femininos” (p. 40).

quando ficar maduro e for pegar não estranha tudo. Não se cria um jovem viciado em certos vícios”.

### BOX III

la pra roça, pra ver meu pai trabalhar, que eu quase não trabalhava, porque minha mãe dizia assim: “Leva pra roça, porque se deixar em casa cria vagabundo...”. Eu acho que na verdade, de um certa forma, ela tinha razão, porque se eu ficasse em casa, ele ia pra roça, meu pai, ele me criar, o quê? Sem gostar da roça, sem gostar do trabalho... Aí a gente vai crescendo com isso, ia dar trabalho, no dia que ele dissesse “Vamos pra roça”, e aí? Não ia querer ir, porque não era acostumado ir. Aí ele levava, deixava eu lá sentadinho, tinha muitas vezes que ele me mandava fazer coisas assim, pequenas, só mesmo pra ocupar: “Fique botando pra fora, o mato”. Aí pronto! Eu ia botar o mato pra fora, só pra levar pra roça. Aí eu aprendi a ter respeito com o trabalho do agricultor, aprendi a gostar da terra, que eu gosto da terra, coisa que eu acho melhor no mundo é tá mexendo com a terra...

**(Osman, 22 anos, filho de pequeno agricultor, residente no povoado Jurema, Presidente do Grupo de Jovens e Vice-Presidente da Associação Comunitária João Paulo II).**

### 3.2.2 Sobre Sair e Ficar

Danilo Vieira tem dezesseis anos e estuda o segundo ano médio na escola da comunidade onde reside no sítio Domingos Ferreira. Filho de um pequeno proprietário e cortador de cana, José Davi Vieira e de Maria Margarida Vieira, a qual se identifica como agricultora, apesar de trabalhar na escola local como merendeira. Os três moram numa casa de cinco cômodos, onde residem mais duas pessoas: Um irmão de Danilo, 12 anos, e um irmão da mãe de Danilo, Paulo, o qual será brevemente apresentado ao leitor. A família de Danilo possui menos de um hectare de terra, tendo que alugar “outro pedaço” a um senhor local, pagando renda de três por uma. Além da roça, a família cria umas cabeças de gado, bodes, porcos e galinhas.

Geralmente, o pai viaja todos os anos, para o corte de cana, no interior paulista, deixando a roça e a casa aos cuidados da mãe. Até o ano passado, 2013 na ausência do marido, Maria dividia as responsabilidades das crianças, da casa e do roçado com o irmão, Paulo. Todavia, a partir de 2005, ano em que Paulo resolveu acompanhar o cunhado, Maria assumiu, apenas com a ajuda de Danilo e do irmão, agora com 12 anos, essas responsabilidades.

Além de estudar e de ajudar os pais na agricultura, assumindo até mesmo o cuidado dos bichos, Danilo ainda trabalha para os vizinhos, cuidando de bichos,

pegando lenha, carregando tijolo. Ele diz que “o ganho dá pra se virar”. Estudar, trabalhar, jogar bola, ver TV, eis como Danilo resume suas atividades no sítio. Mas, não é só isso, lembra que também tem a Igreja, o grupo de jovens, do qual participava: “Eu achava bom porque ajudava a capela, tinha encontros com grupos de fora. A gente arruma conhecimentos, passa a saber mais como são as coisas”. Além do grupo de jovens, Danilo costuma assistir também as reuniões da associação comunitária. Diz gostar da associação, pois eles se “reúnem para facilitar a vida no sítio”. Faz um inventário dos feitos da associação: “Uma das coisas feitas foram às cisternas [Referência ao projeto 1000 cisternas, presente na comunidade através do Programa de Ação e Articulação Comunitária - PROPAC, órgão ligado à Diocese]. Eles tentam melhorar fazendo planos até conseguir reunião para saber mais sobre a agricultura; ela [a associação] tem uma máquina para debulhar o milho e, para os associados o preço é mais barato”.

Pergunto-lhe o que é ser jovem e ele me responde que é “a fase em que todos nós estamos iniciando o começo da vida”. Sobre o sítio, Danilo diz que gosta muito do lugar e que pode diferenciar o sítio da cidade, pois aquele é mais tranquilo, o movimento é menor e desabafa: “Eu nasci aqui, cresci aqui. É bom! Aqui eu estudo, ajudo meus pais, jogo bola...”. E continua: “A vida rural é boa, porque o que plantamos dá pra colher. Isso é bom, o ruim mesmo é quando o inverno dá muito pouco, o ruim é a falta d’água”. Mesmo assim, Danilo sonha em “arrumar um modo melhor para sobreviver” e complementa dizendo que só pretende continuar na agricultura até viajar e “arrumar um trabalho para melhorar”. Diz que não queria sair: “Se eu arrumasse outro emprego, não iria”. Pergunto-lhe para onde pretende ir e ele responde-me que não sabe, mas que “o povo daqui vai mais para o corte de cana”.

Como Danilo, a maioria dos jovens que responderam ao questionário (92% dos homens e 81% das mulheres) diz gostar do sítio, visto como um lugar tranquilo; lugar onde nasceu e se criou; lugar onde moram os amigos e a família. Os que afirmaram não gostar do sítio, argumentam a partir da comparação entre este e a cidade, vista como um local mais divertido e onde se tem acesso a mais coisas. Há, portanto, uma valorização do rural, em contraposição à cidade, que é vista por muitos como um local muito agitado, violento e cujos apelos são ilusórios. Imagem esta reforçada pelos meios de comunicação, sobretudo os jornais, e confirmada pelos próprios parentes que residem em cidades de grande porte, como São Paulo-SP, Recife-PE, Brasília-DF etc.

Ao mesmo tempo em que afirmam gostar do sítio ou da cidade, os que moram na rua, os jovens também dizem querer sair, como Danilo, visando “arrumar uma melhora”. Se a calma do lugar, a tranquilidade, a família e os amigos são apresentados como fatores de atração, na hora de falar sobre as dificuldades, os fatores de expulsão aparecem. Dentre as dificuldades apresentadas pelos rapazes entrevistados, destacam-se: A falta de trabalho (57%); a falta de estudo suficiente (17%); a distância em relação aos centros urbanos (13%); outras (17%). Para as meninas, as principais dificuldades apresentadas, foram: Falta de trabalho (49%); distância em relação aos centros urbanos (16%); ausência de outros níveis de ensino (8%); dificuldades para estudar (8%); alta de infra-estrutura (11%); falta de lazer (4%); outras (4%).

Ao mencionarem a falta de trabalho como uma das dificuldades dos jovens rurais, os entrevistados utilizam a palavra “trabalho”, no sentido de atividades remuneradas ou geradoras de renda. Alguns utilizam o termo *emprego*, como sinônimo de *emprego público*. Neste sentido, trabalho se contrapõe à agricultura, vista como um trabalho (“trabalhar na roça”), mas que, ao contrário dos empregos públicos ou de uma atividade remunerada (comércio), a roça não é sinônimo de renda monetária, estando mais associada a um trabalho não rendoso, que não dá condições, “aonde se trabalha, trabalha, e no final o lucro é pouco” (Damião, cortador de cana). Até os que revelam o desejo de permanecer morando no sítio, sonham em conseguir outra ocupação. Entre os rapazes entrevistados, 60% disseram fazer planos de continuar morando no sítio, mas, 57% afirmaram que não pretendem continuar trabalhando na agricultura. Entre as moças, 47% disseram que pretendem continuar morando no sítio. Todavia, questionadas se pretende ser agricultoras, a maioria (70%) respondeu negativamente, apresentado os seguintes motivos:

Razões para não ser agricultor/a:

- a) **Penosidade:** “É um trabalho muito pesado”; “É muito cansativo”; “Roça não tem futuro, não. O cara só trabalha, trabalha e não arruma nada”; “É desgastante. Você trabalha e não é valorizado, por isso a agricultura não vai pra frente”.
- b) **Não gera renda:** “Porque não dá lucro”; “Não dá pra sobreviver da agricultura”; “Às vezes não dá nem pra comer, direito”.
- c) **Intempéries:** “Instável, um ano tem inverno, no outro não tem. Está ficando fraco”; “É difícil por causa do inverno que varia muito”; “As chuvas são escassas e a agricultura depende das chuvas”; “A seca impede o trabalho”.

Não é, portanto, a agricultura em si que os jovens renunciam, ou, usando uma terminologia marxista, não o trabalho agrícola abstrato, mas o trabalho agrícola concreto e aquilo que ele representa, isto é, a penosidade aliada às promessas de poucos rendimentos, como fica claro na trajetória de Fábio, apresentada abaixo:

Fábio mora na cidade, tem vinte e quatro anos e é filho de um médio proprietário. Seu pai possui, aproximadamente, 25 hectares de terras. Com a família pequena, apenas dois filhos, Fábio e uma irmã de vinte e dois anos, grande parte da terra é arrendada a pequenos produtores. A mãe de Fábio é funcionária pública, professora aposentada do sistema estadual de ensino e atuante no sistema municipal de educação. A irmã estuda enfermagem na FIP – Faculdades Integradas de Patos, cidade onde mora com uma prima.

Licenciado em Matemática, Fábio divide seu tempo de trabalho entre a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba – CAGEPA, empresa onde trabalha, e a escola estadual, onde leciona como professor Pró-tempore<sup>16</sup>. Até os dezoito anos, Fábio diz que trabalhava na agricultura, sendo que “trabalhar mesmo, pra valer, desde os treze anos”, pois mesmo indo antes, não trabalhava, apenas acompanhava o pai. Temos aqui uma diferença entre trabalho e “ajuda”, “acompanhamento”, diferença presente em todos os estudos do campesinato, que apontam para a figura do pai como centralizadora da família. Ele é, com efeito, aquele que governa a produção porque é ele quem possui “o conhecimento necessário para a realização da produção”. Conhecimento este que será transmitido ao filho no próprio processo de trabalho e que envolve não apenas a transmissão de técnicas, mas, igualmente a “transmissão de valores e a construção de papéis” (WOORTMANN E WOORTMANN: 1997:11). Isso faz do agricultor não apenas um produtor de alimentos, mas de novos agricultores. É nessa relação de acompanhamento que vai sendo transmitido o afeto pela terra de que nos fala Brandão (1999). Continuemos ouvindo nosso informante:

Nesse tempo, diz ele: “Ia só brincar com uns colegas lá, pois meu pai só me obrigava mesmo levar almoço para os trabalhadores”. Pergunto-lhe, então, o que acha da agricultura e ele me diz que “é um meio muito bom de você trabalhar”, mas, pondera: “Hoje em dia, não há recursos para agricultura; não tem capacitação para os agricultores; falta orientação da EMATER<sup>17</sup>; e falta semente para os pequenos

---

<sup>16</sup> Professores que prestam serviço ao Estado mediante contrato de trabalho temporário.

<sup>17</sup> Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado.

agricultores, que já botam roças arrendadas. Tem também o tempo, pois um ano é seco, outro chuvoso. Há tempo que passa dois ou três anos sem chover, então, o agricultor fica com aquele medo de plantar e perder tudo, todo seu trabalho, porque as chuvas são escassas, nessa região”. Duas são, portanto, as queixas de Fábio: A falta de apoio por parte do Estado e as condições climáticas. Há um questionamento, também, da instituição que deveria orientar os produtores – a EMATER – mas, que na visão de Fábio não tem cumprido com seu papel.

Confessa que quando trabalhava na roça também tinha medo: “Eu coloquei a primeira roça pra mim, por influência de meu pai: ‘Vamos botar uma rocinha’. Foi em 1993, aí deu aquela seca. Teve também aquela de 1998, eu tinha botado roça e levei um prejuízo muito grande, eu não, bem dizer meu pai, porque eu só fazia ajudar ele. Ele que trabalhava, plantava pra mim e dizia: ‘Olhe, essa roça é sua. Quando for para limpar, você chega da escola, vem todo dia aqui, dá uma limpadinha...’. Aí quando eu chegava, todo dia, da escola, eu ia, pegava a enxada e ia dá uma limpadinha. Aí pronto... Esse ano de 1998, a gente perdeu tudo de novo. Desilude! Tira a ilusão do agricultor aqui do sertão. A principal causa? É a seca, porque o povo dessa região aqui é muito trabalhador, não tem medo de enfrentar o trabalho não. Só que, infelizmente, o que faz um trabalhador daqui ir para o corte de cana é essa experiência de você colocar a roça e não tirar nada, você perder tudo devido ao verão...”. A experiência do prejuízo, “de perder tudo”. O trabalho, o investimento material, faz com que o agricultor vá desanimando, buscando alternativas mais seguras como é o caso da migração para o corte de cana.

Só para enfatizar ainda mais este ponto, gostaríamos de inserir aqui, o depoimento de um outro jovem, o Miguel Vianey, 17 anos, desistente ainda no primeiro ano filho de um pequeno proprietário, e residente na rua. Interrogado sobre o trabalho na agricultura, disse-me que “gostava de trabalhar no roçado”, mas desanimou depois que viu o prejuízo do pai, o qual tinha “colocado um plantio de tomates, mas que não deu bem. Faltou água e teve prejuízos”. A experiência negativa com o roçado do pai o fez procurar outras paragens. Em 2002, foi para Imbirá, interior de São Paulo, onde trabalhou como apanhador de laranja, limão, algodão e amendoim; servente e plantador de eucalipto. “Passei um ano”, diz. “Achei bom e senti falta da família, voltei por saudade. Se eu arrumasse um serviço bom eu não sairia daqui”. Acha que serviço bom é “da Prefeitura”. Sem esperança de conseguir um emprego na prefeitura, diz que “daqui

pra janeiro eu vou embora, para o corte de cana”, onde já passou uns dias e diz ter achado bom: Conhece muita cidade. A gente mora num lugar e trabalha em outro, assim dá para conhecer muitos lugares. O trabalho pra quem tem coragem é bom”.

As alternativas, todavia, não são buscadas independentemente, pois implicam em negociações no interior da família, além de que dependem, também, das próprias condições sócio-econômicas e culturais da família. Voltemos a Fábio no intuito de esclarecer esse ponto. Desanimado com a roça, ele diz que começou a se dedicar à escola. O plano era, terminando os estudos, ir para São Paulo procurar trabalho em Sorocaba, onde tem parentes, “duas tias e quatro tios”, até “já tinha falado com ele [um dos tios] e tudo, assim que eu terminasse o ensino médio...”. Ao terminar o ensino médio, a mãe o convenceu a continuar os estudos. Financia-lhe, então, o curso superior, licenciatura em Matemática, na Faculdade de Formação de Professores do Município de Serra Talhada, PE, distante aproximadamente 200 Km do município. Percurso que Fábio fez, juntamente com outros jovens do município, durante quatro anos consecutivos. Porém, mesmo tendo atendido o desejo da mãe, confessa: “Fiquei com aquele negócio... Eu não tinha aquela vontade mesmo de ser professor. Eu fazia, mas não tinha aquela vontade, depois, foi o tempo, fui gostando, porque eu gostava muito de matemática... Aí fui gostando, mas eu nunca tive vontade mesmo de ser professor. Eu fazia o curso, mas não tinha aquela vontade. Minha vontade era me formar num curso melhor, que desse pra trabalhar em alguma coisa boa, porque você sabe que, infelizmente, o professor é uma profissão que não tem muito retorno....”.

Pergunto-lhe quando acabou o plano de ir para Sorocaba e Fábio responde que o plano acabou quando passou no concurso do IBGE: “Passei seis meses trabalhando, terminado o contrato. Veio o concurso da CAGEPA, passei também e tirei toda ilusão de ir para São Paulo, porque eu indo para São Paulo eu não arrumaria um emprego que desse para ganhar o que eu ganho na CAGEPA”. “Hoje”, diz, “não tem mais vontade de conhecer Sorocaba. Vontade que eu tenho – continua – é curtir umas férias numa cidade com praias, essas coisas assim...”.

Perguntamos-lhe pelos planos para o futuro: “Pretendo, vindo um concurso, fazer um concurso para o Estado ou para a Prefeitura [professor], para complementar a renda da CAGEPA, para ficar mais tranquilo, porque o trabalho na CAGEPA é um trabalho que dá para conciliar com outro, por exemplo, ensinar. Meu sonho é fazer um concurso na área de educação, no Estado ou no Município, para complementar a renda,

porque não vale a pena sair daqui pra fora, arrumar outro emprego que podia nem chegar ao que eu ganho hoje. Agora se eu conseguisse uma transferência para João Pessoa, Campina Grande, aí sim, porque eu poderia trabalhar e estudar. Daria para investir mais no meu estudo”.

Retornando dos silêncios, Fabio continua: “Tenho vontade, também, de lutar com gado, com a pecuária, ainda hoje eu luto com a pecuária. Tenho um gadinho, eu gosto, nisso aí eu trabalho. Pretendo investir na pecuária, aliás, já estou investindo, porque as economias que eu faço, já compro um garrote, uma vaca... Eu faço aquela economia, porque, por enquanto, graças a Deus, eu trabalho em dois empregos, aí dá pra fazer uma economiazinha. Aí eu já estou investindo na compra do gado... Volta e meia eu faço uma economia, compro uma rês para aumentar ainda mais o rebanho”.

Diz, ainda, que desde novo gostava de cuidar do gado, e explica: “Porque meu pai sempre lutou com o gado, ele sempre gostou também da pecuária, foi criador de gado, trabalhou na agricultura, mas sempre se dedicou a criar gado, ele nunca deixou de criar gado. Desde menino eu o via trabalhando com gado, com roça. A roça eu não me apeguei muito, porque é um trabalho mais pesado e a pecuária, não. Claro que exige um pouco de você, mas é um trabalho mais maneiro, você só vai pra observar, fazer uma cerca, destocar um cercado, tudo muito mais rápido. Já a roça, você tem que tá todo dia, plantar, colher, arar. A pecuária você tem um intervalo... Aí pronto, foi vendo meu pai cuidar do gado, aí eu fui gostando e futuramente é uma coisa na qual eu pretendo investir. Graças a Deus, meu pai tem esse terreno. É um terreno bom. Dá pra gente criar gado que é uma coisa que eu gosto de trabalhar, é trabalhar com o gado”.

Decepcionado pelas primeiras experiências na agricultura, frustrado por não poder colher o que plantou, Fábio passa a investir mais no estudo. Influência da mãe? Embora reconheça que a agricultura, sobretudo a pecuária, é algo bom para trabalhar, começa acalentando sonhos de ir embora. O destino: São Paulo, lugar onde pode contar com a ajuda de tios e tias e quem sabe, conseguir um emprego em alguma firma. Terminado o segundo grau, a mãe o incentiva a dar continuidade aos estudos, o que lhe é permitido, já que pode pagar, sem muitos constrangimentos para a família, os estudos do filho. Todavia, Fábio não se identifica com o curso, mesmo assim, não desiste. Continua pensando em “ir embora”, sonho esse que vai tornar-se ilusão com sua classificação no concurso da CAGEPA, onde trabalha. A licenciatura permite-lhe

arranjar outro emprego, de professor, e dessa forma, aumentar seus rendimentos mensais, possibilitando investir no que gosta de fazer: A pecuária.

A história de Fábio nos permite compreender: (a) que a dinâmica do sair e do ficar está relacionada, de maneira especial, às dificuldades que os jovens têm de conseguirem, no próprio lugar, a sua autonomia financeira, de modo a não dependerem tanto dos pais; (b) a importância do estudo como estratégia para mudar de vida, ou seja, vê-se o estudo como um dos caminhos que pode possibilitar ou facilitar a melhoria de vida, mediante a abertura de outras possibilidades profissionais; (c) a importância das redes familiares, sobretudo quando as mesmas são ancoradas nas relações de parentescos, podendo, também, abrir portas para a saída da agricultura facilitando, dessa forma, a entrada no universo de trabalho urbano ou a aquisição de mais capital cultural, em sua forma adquirida (títulos escolares), especialmente quando tal rede se estende pela capital do estado ou cidade de maior porte, a exemplo de Campina Grande e Patos; (d) a influência, por ocasião da migração, do capital social e cultural na escolha do destino. Assim, o que faria Fábio escolher Sorocaba e não outra cidade/Estado era a presença de parentes dispostos a lhe acolher nessa localidade. Em determinado momento da entrevista, ele chega mesmo a se lamentar da inexistência de parentes em João Pessoa, capital do Estado, ou Campina Grande, uma vez que, segundo ele: “Se os tios morassem em João Pessoa ou Campina Grande, não estaria aqui [Tavares], mas, sim lá, estudando”, pois a mãe teria feito menos objeção.

Vejamos a história de Paulo, 22 anos, o qual tem nove irmãos, sendo sete irmãos homens e duas mulheres. Seus pais moram no sítio Mixila, distante duas ou três horas do centro da cidade. Devido o tamanho da família, Paulo foi criado no sítio Domingos Ferreira, pelo cunhado, Davi, 40 anos, casado com sua irmã Maria, que é merendeira na escola da comunidade. O casal tem dois filhos. Davi tem uma trajetória marcada pela migração. Em oitenta e dois, com apenas dezesseis anos, foi cortar cana no Estado de Alagoas, depois, já casado, foi para Itapecerica da Serra, onde morava um irmão. De lá pediu demissão para ir para Mato Grosso, onde procurou ouro, mas não encontrando, retorna para São Paulo, onde trabalhou primeiro como Gari, numa firma de lixo, e depois numa Serraria, onde passou quatro anos. Em noventa e oito, trabalha em outra firma, desta vez, na Construção Civil. Diz que, nesse tempo, São Paulo “já não estava como das outras vezes. Quando eu chegava passava no máximo quinze dias

desempregado. Quando eu fui da última vez já passei trinta dias. Como eu já tinha conhecimento de corte de cana...”.

Quando Davi saía, era Paulo que ajudava a irmã a cuidar do roçado e, nos últimos anos, também da casa. Paulo estudou até a oitava série, na própria comunidade, mas, tendo completado vinte e dois anos, deixou a escola pelo corte de cana. Diz que não podia mais ficar sem trabalhar, ganhar dinheiro. Davi, o cunhado, complementa:

Esse menino [Paulo] veio morar comigo, tinha sete anos e eu era quem, até o ano passado, dava o dinheiro, porque ele me ajudava, é claro que tinha que ser eu. Então, ele ia pro forró, ia pras festas dele, porque eu dava o ingresso. Então, o jovem pensa o quê, hoje? Vai botar o quê na cabeça? Estudar? Eu incentivo pra estudar... Agora o estudo, falta muito emprego pro estudo.

Paulo diz que pretendia continuar os estudos se tivesse condições e que se um jovem tem condições de estudar, como é o caso do seu sobrinho, então, ele aconselha que estude. Pessoalmente, diz que continuará indo para o corte de cana, mas, só porque não teve alternativa. Nesse momento, Davi entra, novamente, na conversa para ressaltar que “falta muito emprego pro estudo, se tivesse mais emprego, era mais fácil para eles estudar”, e em defesa de sua tese, apresenta o caso de dois jovens da comunidade que concluíram o segundo grau, mas não tendo condições financeiras ou sociais para dar continuidade aos estudos, tiveram que ir, também, para os cortes de cana. Eis suas palavras:

Agora o estudo, falta muito emprego pro estudo, se tivesse mais emprego, era mais fácil para eles estudar, porque eu vejo, Paulo César [um rapaz do sítio] estudou, meu Deus. Qual foi o fundamento do estudo de Paulo César, este ano? Não teve dinheiro pra cursar outras coisas, corte de cana. Eu tenho certeza que se Paulo César tivesse quem ajudasse ele, ele ia mais pra frente. Tem outro, o de Cesário, também, estudou até quando pôde. Quando não pôde que não teve mais dinheiro também, e vai ser muito jovem desse jeito, vai dar poucos professor agora, vai ser tudo cortador de cana...

Eis aí a realidade da escola rural, cujo “aparente” fracasso esconde o seu real sucesso, que é contribuir para a reprodução de uma força de trabalho para o capital, escola que funciona segundo a física Aristotélica: ‘Cada um no seu devido espaço’. Porém, para a maioria dos entrevistados/as, a imagem que se tem da escola e dos estudos é positiva, embora se reconheça que apenas o estudo não é suficiente para garantir melhores condições de vida, como expressa Davi.

Recapitulemos a fala de Davi, fala lúcida de quem reconhece a importância da escola: ‘*Eu incentivo a estudar*’. Ele tem consciência de que não continuarão a apostar na escola por falta de condição dos que ‘*não podem ir mais longe*’. Fala inteligente, de

quem percebe que o investimento na escola supõe o retorno e que, tal investimento, é proporcional à esperança depositada nessa instituição como instrumento de ascensão social.

Conversando com professoras e professores não é raro escutarmos depoimentos que lembram bem o título da dissertação de Vanda Silva (2000): “Eles não têm nada na cabeça”. As queixas são comuns: “Os alunos não querem nada”. A fala de Davi bem que poderia ser lida como uma resposta a tantas lamentações ao revelar a lógica que preside às práticas dos que *nada querem* com a escola. Práticas guiadas por uma espécie de “causalidade do provável” (BOURDIEU, 1998c), que os faz investir aonde a probabilidade de retorno se mostra maior. “Relação resignada com o sistema de ensino”, o tema é também de Bourdieu (1998c), uma vez que se tem a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, o estudo deverá ser substituído pelo trabalho, um trabalho que, de preferência, exija pouco estudo, caindo-se, assim, num círculo vicioso, o qual garante a reprodução das condições de classe.

Se por um lado, o pouco capital cultural adquirido não lhes facilita a conquista dos escassos empregos no próprio local, visto que “tudo agora é concurso”, e menos ainda refazer a trajetória de seus familiares, reproduzindo o tipo de migração predominante nos anos 80/90, assinalada pela busca de emprego urbano, “nas firmas”; por outro lado, o *habitus* no qual foram socializados, isto é, o trabalho agrícola, “torna-os” mão de obra “qualificada” para o trabalho nas indústrias canavieiras: Um trabalho a céu aberto e diretamente relacionado com a natureza.

A experiência do trabalho nos canaviais será avaliada a partir das condições experimentadas anteriormente pelos jovens migrantes. Daí a tendência para “amenizar” o peso do serviço, cortar cana-de-açúcar. Nas palavras de um jovem migrante: “Quando se passou a vida arrancando toco, no alugado, a quatro reais o dia, cortar cana não é tão pesado” (Adeilson, 22 anos). Visão esta que é compartilhada por outros canistas, a exemplo de Sandro, já apresentado neste capítulo, o qual segredou também: “Para cortar cana, primeiro você tem que aprender aqui, sofrer um pouco. Muitos vai como um ‘filho de papaizinho’ e volta logo. Eu trabalhei alugado a quatro reais, começar sete da manhã, descansar uma hora, ficar até as quatro da tarde...”. Nesse sentido, ao lado da alta exploração dessa força de trabalho aqui em foco, há também um processo de auto-exploração, pelo qual o primeiro se realiza.

Outro fator que para muitos trabalhadores urbanos seria visto como negativo, ou seja, a temporalidade do contrato de trabalho é altamente valorizado pelos jovens canistas, por garantir o retorno para casa no tempo previsto, como expressa a fala de Davi:

Outra coisa que nós acha mais fácil, é que nós vamos pro corte de cana, nós sabe o dia que sai e, não havendo nada, um contratempo nenhum, nem ninguém adoecendo, nós sabe o dia que volta. Nós já sabe o dia que começa a safra. No dia que nós começa a safra, nós já sabe o dia dela terminar. A gente faz uma reunião e o encarregado vai dizer “olha, nós vamos trabalhar tal tempo, tem que tirar tal cana, assim, assim... só que a safra ta programada pra terminar dia 10 de novembro ou dia 10 de dezembro”, que nem a Guarani. Então, você já entra sabendo que você vai ter que tirar aquela tarefa todinha. Pra você ir pra São Paulo, você começa a trabalhar num emprego, você nem sabe quando é mandado, às vezes você quer vir pra casa, você não pode vir.

O pouco tempo de trabalho no sudeste deixa os canistas mais jovens animados, coisa que os deixam mais próximo de sua terra natal, Tavares, o retorno é sempre garantido. Pois a volta é garantia de férias com muita diversão, já que passam boa parte do ano no trabalho duro e exaustivo.

#### **4 - Escutando os jovens rurais tavaresenses**

“Você poderia participar de uma reunião à noite, na casa de fulano?” Depois de um dia de trabalho, aplicando questionários, fazendo entrevistas, era com esta pergunta, ou outra semelhante que convidávamos nossos sujeitos a compartilharem conosco seus saberes, suas tristezas, suas alegrias; a falarem das dificuldades e das coisas boas relacionadas às suas condições de vida.

Os jovens pareciam ver naquele convite uma oportunidade para falarem. Entretanto, ainda há quem fale que os jovens de hoje são uma geração da TV, do assistir passivo, da não participação. O que vivenciamos foi uma outra juventude, uma juventude que quer falar. Com efeito, não registramos recusa ao nosso convite. Eles fluíam em bom número: dez (10), quinze (15), vinte (20) jovens ao redor da mesa, de um gravador, contando suas experiências, falando de seus sonhos, pensando seus pensares, seus pesares...

Falaram de seus lugares, dos lugares onde vivem, onde mora a família, os amigos, os territórios da presença, carregados de significados, mas também de

ausências. E são as ausências que marcam as primeiras impressões sobre o lugar, visto como o lugar do não, do não trabalho, do não emprego, da não oportunidade, das cidades sem futuro:

“Nessa cidade a gente não ver muito futuro pra gente em termos de oportunidade de emprego”;  
 “Aqui não tem curso de informática pra ninguém”;  
 “A questão é que somos esquecidos, é, qual a indústria que vai investir num município desses?”  
 “Aqui é muito ruim pra arrumar emprego”;  
 “Aqui a gente não tem fonte de renda”;  
 “Aqui tudo vai pela influência”.

O pequeno município se apresenta, dessa forma, no imaginário dos jovens, como um lugar feito de ausências, marcado, portanto, por aquilo que não se tem: não se têm indústrias, empregos, oportunidades, fontes de renda, educação. Quem os escuta tem a sensação de deserto. É um discurso pontuado pela falta e pela carência que de um lado revela a pobreza das estruturas materiais, a fragilidade da urbanidade representada por essas pseudo-cidade. Ao mesmo tempo em que denuncia o lugar de esquecimento a que historicamente foi relegada à população rural deste país, esta imagem revela os desejos, já que a fala marcada pela falta é uma fala que fala do desejo, daquilo que faz falta. Diante da falta a saída, a migração, surge, nos horizontes do jovem rural como a busca das ausências, “do que falta aqui e que está lá”:

“Eu pretendo sair daqui, morar noutra lugar, pretendo estudar, me formar”;  
 “Eu pretendo sair dessa cidade, ir morar fora, fazer faculdade”.

Entretanto, a partida, o sair, também é visto como um problema: “o único problema que tem aqui é muitos jovens saindo daqui para o corte de cana, atrás de emprego” (grupo focal de Tavares).

A migração aparece então, de um lado como problema, tanto para quem sai como para quem fica. Para o primeiro implica em deixar a família, os amigos, os lugares *sagrados*; além de que, enfrentar o mundo equivale a sofrer, *penar* lá fora. Para os que ficam, outras ausências: gente que se foi, amigos, parentes... A paisagem parece sentir, fica diferente “aqui é desanimado, desabitado, quando eles [os migrantes sazonais] estão lá”. Por outro lado, a migração é também vista como meio de concretização dos projetos de autonomia pessoal. É através dela que se consegue um pecúlio que permite ou fixar na cidade grande ou voltar, investir e fixar-se no lugar de origem. Em alguns casos, o voltar está relacionado à busca do passado, territórios da infância idealizados,

sonhados... Assim ao encontrar não o que ficou, mas o que “restou”, o migrante sai novamente “não me acostumo mais cá”, dizem. Ou então, “eu agora não sou mais daqui, nem sou de lá, quando estou lá sinto falta daqui, quando tou aqui, sinto saudades de lá”.

Mas o lugar é ainda o lugar que se contrapõe à cidade grande, vista como território da violência, do medo. Nesse segundo sentido, o lugar é o espaço da família, da segurança, da tranquilidade, do aconchego e, portanto, onde se deve ficar: este segundo feixe de imagem é acionado, principalmente, pelos jovens que estiveram lá, a exemplo de Andréia (19 anos), que passou um ano e meio em João Pessoa, capital do Estado, onde trabalhou como babá, em “casa de família”:

Eu não gostei muito de lá porque é assim um lugar muito movimentado, muito assalto. Assim... Você tem medo de sair na rua e aqui você tem... A vantagem de morar aqui é essa: aqui tudo dá... aqui você tem uma amizade, você pode sair pra uma festa, não tem medo de ir pra festa, você tem muito amigo e você lá fora sabe o que é... Eu acho que tem as vantagens de morar aqui... Tem as vantagens que superam as desvantagens.

É essa também a ideia de Bruna (17 anos), que nasceu em São Paulo e lá viveu até os quatorze (14) anos:

Nasci lá e quando cheguei aqui me senti livre. Lá eu era uma prisioneira. Praticamente era da escola para casa e não podia ir pra canto nenhum, porque meus pais tinham medo do envolvimento com as drogas ou de um cara oferecer e eu aceitar e com medo de assalto ou outra coisa assim, e quando eu cheguei aqui me senti livre, assim, muito bom aqui.

O lugar é percebido também como território da esperança, um lugar que poderia e pode dar certo, desde que:

“Um poder público fizesse mais aqui... Uma fábrica que desse para muitas pessoas trabalharem”;  
 “Não só fábrica, mas também que fizessem mais cursos”;  
 “Cursos técnicos: mecânica, costura”;  
 “Eu faço pintura em tela, adoro pintar, estou adquirindo experiência. Já faz dois anos que eu faço minhas pinturas em tela. Se algum poder público desse oportunidade para mim, para investir nas minhas artes, na minha profissão de pintura, eu sim, com certeza, ganharia algum dinheiro, com minhas pinturas”.

Podemos perceber nessas falas a ausência dos próprios jovens enquanto protagonistas da mudança. Eles não se veem como sujeitos da mudança, como portadores do novo; no máximo como público-alvo, a ser investido por um outro, de preferência o político. Por outro lado, tais falas permitem-nos sistematizar suas

demandas, oferecendo um interessante tripé para pensarmos as políticas públicas voltadas para a juventude:

1. Criação de empregos no próprio local;
2. Investimentos nas potencialidades e talentos locais;
3. Formação, o que inclui:
  - a. Investimento em Educação Formal (educação básica e superior);
  - b. Investimento em qualificação: cursos técnicos e profissionalizantes.

Uma mesma estratégia que poderia ser útil tanto para os que ficam, quanto para os que saem, pois se há os que querem sair, há também os que querem ficar. Entre os que saem e, especificamente, entre os que já vivenciaram a experiência da migração, seja para São Paulo seja para o Rio de Janeiro é clara a percepção de que sem estudo as chances são menores, como bem ilustram esses depoimentos, ambos extraídos dos registros do grupo focal:

DEPOIMENTO 1 - Na segunda vez que eu fui pro Rio já tinha o primeiro grau completo aí cheguei lá passei um mês parado aí fui trabalhar, ajudante de armador, que ajuda carregar ferro pra montar laje, tudo dos prédios aí, ou seja, eu comecei como ajudante de armador e terminei no policorte, ou seja, eu mudei de posição porque eu tinha o 1º grau, sabia ler e escrever e aí fui cortar ferro que é o serviço mais maneiro dentro dessa área e os outros carregando subindo a laje quatro, cinco, oito, dez andares com o ferro na costas puxando corda o dia inteiro e na máquina no policorte é só você ... Vem a plaquinha com numeração do ferro e o tipo de ferro e você corta e manda o pessoal, os ajudantes levar pra cima da laje, então, ou seja, se eu não tivesse estudo não ia cortar os ferros, entendeu? Ai, ou seja, quem não tem estudo você só vai pegar em osso mesmo. A questão é essa se você tendo pelo menos o ensino médio completo já lhe ajuda lá fora, de faxineiro você pode ser quase um síndico, um síndico não pode ser não, mas pode trabalhar em outra posição em outra qualquer área. E tem também muito emprego bom, assim que eu vejo, que tem fora, é hoje em dia assim... Quando vem, assim, que tem né? Tem gente, é, isso vendedora, tem, ai, tem gente que precisa por exemplo, já tá fora, ai olha vai ter uma vaga ali de markentig, de secretariado, a gente não tem.

DEPOIMENTO 2 - Assim é eu tenho uns primos que eles estudaram muito e hoje eles tem um emprego bom lá em São Paulo, mas já na outra minha família que não teve estudo e hoje vive no pesado. Bom não, lógico que não é bom...

Tal Percepção contribui para uma maior valorização dos estudos, da educação relacionada à mudança de vida, o que favorece o retorno à escola, como exemplificado na fala abaixo:

Olhe passei três anos numa escola interna e me formei em agropecuária, preciso dar uma trabalhada. Fui pra Brasília aí depois voltei fui pra Unaf Minas Gerais. Aí eu cheguei lá, aí eu vi uma cena. Eu disse: “rapaz eu vou estudar de novo”. Porque o cara, eu trabalhava o dia todinho, aí vinha o cara que era veterinário passava meia hora, uma vez por semana, o cara estorando, eu disse “rapaz é isso mesmo. Eu faço o serviço todinho, o bicho só porque tem um carimbo, assina, é quem leva tudo”. Deixei o serviço e digo “eu vou estudar”. Aí vim embora tô estudando aí quando eu terminar esse curso aí, eu faço medicina veterinária porque o cara tem que manter pra se manter (Grupo Focal).

No lugar, as únicas oportunidades que os jovens “enxergam” são: (a) a agricultura, (b) o emprego público, (c) o comércio e, (d) as “casas de família” para as mulheres. O primeiro, a agricultura, não é uma opção para eles, isto porque a agricultura é cada vez mais percebida como uma profissão dos pais, uma profissão “sem futuro”, pouco rentável e, mesmo, sinônimo de prejuízos.

“Eu acredito que a agricultura é a agricultura familiar. Você planta para o consumo”;

“Não existe uma agricultura comercial ainda. O cara pega a enxada, vai pro mato pra limpar... Aí depois, só aquilo ali, não vai dar rentabilidade”;

“E ver que eles [os pais] não conseguiram muita coisa, né? Então a gente procura outros meios”.

(Grupo Focal).

“Eu vejo assim... Não sei, eu nunca trabalhei na agricultura, meu pai trabalha, meus irmãos ajudam, mas pra mim mesmo, é o que os meninos estavam dizendo: eu acho que eu penso no futuro. Num sei, mas pra mim pensar no futuro eu quero uma coisa... Eu acho que a agricultura é um trabalho, tudo bem, só que para garantir o futuro, uma vida profissional assim, eu acho que...”

(Grupo Focal).

O comércio local também não aparece como uma boa opção em razão dos salários, em média cento e cinquenta (R\$ 150,00) a trezentos (R\$ 300,00) reais. Quanto às casas de família, esta é uma opção para as meninas, todavia, também por conta dos salários, uma opção não tão boa, restando os empregos públicos, mas a ocupação desses postos passa ou por concurso público, sendo, portanto “negado” aos que têm menos

estudos (na maioria dos casos, o segundo grau), ou por influência dos políticos locais.

Demos a palavra aos jovens:

Que aqui tudo vai pela influência, assim de emprego, da prefeitura, essas coisas. Se você é do partido que tá na prefeitura, você tem um emprego, se você não tiver no partido que tá na prefeitura, você não tem. Eu acho errado, porque eu acho direito de todos, independentemente de lado A ou lado B. (Grupo Focal)

Quanto ao rural, este aparece na consciência de alguns jovens como um lugar muito mais de lazer do que de trabalho, é o local muito menos do roçado do que dos bares, das boates, dos campos de futebol, sendo, por isso, muito mais relacionado à festa, aos jogos do que ao plantio, à colheita. Não que os jovens neguem as atividades agrícolas, mas não é pela ótica do trabalho que o rural é percebido. O trabalho/emprego está lá, lá na cidade próxima ou na grande cidade; aqui ou lá no sítio “a gente vai para as farras”. Aqui, disse-nos várias jovens do povoado Lagoa de São João, município de Tavares, “vem muita gente de fora, gente de Tavares, Juru, Princesa, de Flores... Vem passear, vem pra boate, vem dançar, vem beber, vem jogar bola”.

Esta fala poderia ser um reflexo de como os jovens da rua, da sede dos municípios veem os sítios. Todavia, grande parte dos jovens dos sítios migra, hoje, sazonalmente, como andorinhas vão e voltam e, quando voltam, o sítio também passa a ser o lugar do lazer, das férias. São, ainda, as jovens tavaresenses que nos revela:

**Amanda** – Mas aqui geralmente é assim de gente na boate no final do ano. Assim... As pessoas vêm de Leme, vem do corte de cana-de-açúcar, aí vem desde Princesa, enche Lagoa (nome do povoado) (...) É tanta moto...

**Entrevistador** – O sítio fica mais movimentado?

**Ana** – Demais.

**Entrevistador** – Aí fica melhor?

**Aline** – Fica, fica, porque chega mais assim, as pessoas que você conhece bem, que moram todos né? Aí diz: “Eita, vamos pra casa de fulano”, sempre, todo final de semana fica lotado. “Hoje nós vamos pra casa de fulano que tem churrasco, lá hoje”. “Tem uma festa na casa de não sei quem”, aí é sempre...

Esta nova visão sobre o rural, inclusive por parte dos rurais contribui para a diversificação e, portanto, para a pluriatividade da família camponesa. Assim é que no município de Tavares, localizamos muitos estabelecimentos tais como bares e boates em locais que em outra época eram dedicados ao plantio, o que propicia, por outro lado, uma diversificação da própria população rural que passa a não ser mais exclusivamente

de agricultores, o que não significa que a agricultura deixe de existir. Com bem observa Wanderley (2007, p.145),

A pluriatividade não constitui, necessariamente, um processo de abandono da agricultura e do meio rural. Frequentemente – e diria mesmo, cada vez mais – a pluriatividade expressa uma estratégia familiar adotada, quando as condições os permitem, para garantir a permanência no meio rural e os vínculos mais estreitos com o patrimônio familiar.

Potencializar essas novas atividades é também um desafio para os formuladores e implantadores de políticas públicas. Como exemplo, apresentamos sucintamente a experiência que vem sendo desenvolvida no município de Tavares.

O grupo focal de Tavares foi realizado num povoado da cidade reconhecido como a terra da “mandioca”, isto porque é do beneficiamento desta raiz que a maior parte das famílias da comunidade tira seu sustento. As condições das casas, a maioria grande, conservadas e bem mobiliadas, chamam a atenção quando comparadas com as dos demais sítios e povoados do mesmo município, o que, segundo a técnica da EMATER Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, está relacionado à maior facilidade e rentabilidade dos produtos derivados da mandioca, tais como, a farinha, o beiju<sup>18</sup> etc. No povoado habitam umas duzentas e cinquenta (250) famílias e estas possuem, mais ou menos, umas vinte (20) casas de farinha<sup>19</sup>.

Desde alguns anos que a EMATER, juntamente com o SEBRAE-PB, o Banco do Nordeste e outros parceiros, vêm buscando potencializar as atividades comerciais da “comunidade”, mediante, especificamente, a difusão de novas técnicas de manuseio da mandioca cujos resultados são novos produtos obtidos a partir desse manuseio: sorvete, lasanhas etc. Como estratégia para este objetivo a empresa promove, anualmente, a “festa da mandioca”, três dias de eventos com palestras, exposições, cursos e oficinas sobre o manuseio da mandioca. Para as entidades organizadoras, a festa cumpre seu objetivo de difusão de novas técnicas, mas para os jovens “ouvidos” o problema do evento é um problema de continuidade. Para eles, com efeito, se houvesse um acompanhamento mais cotidiano por parte das agências, presença não apenas no período da festa, mas durante todo o ano, haveria melhores resultados:

**Sebastião** - em termo de trabalho o que, que poderia ser feito aqui?

---

<sup>18</sup> Bolo feito com massa de tapioca ou de mandioca.

<sup>19</sup> A casa de farinha é o local onde se transforma a mandioca em farinha, ingrediente usado na fabricação de vários alimentos, entre os quais o beiju.

**Andréia** – Há sei lá acho que tipo criar uma, uma comunidade assim que desse algum investimento.

**Sebastião** – Em que?

**Amanda** – Eu não sei porque já foi inventada tanta coisa aqui.

**Ana** – Eu acho assim como aqui planta muita mandioca eu acho que devia fazer sei lá as pessoas se organizar e fazer uma associação assim que vendesse, é.

**Andréia** – Comidas derivadas da mandioca.

**Sebastião** – Não tem ainda não?

**Aline** – Não.

**Amanda** – Tem, só que o pessoal não vende, eles fazem mais assim na festa da mandioca só.

**Andréia** – Não tem ninguém assim que.

**Ana** – Só pra festa.

**Viviane** - Eles se interessam mais pela mandioca só na festa, quando é a festa.

**Aline** – É.

**Viviane** – Ele se esforça mais.

**Ana** – Ai quando passa a festa.

**Viviane** – Trazem.

**Sebastião** – Mas eles não vendem, não, sorvete de mandioca?

**Amanda** – Vendem.

**Andréia** – Mas não vendem não, só na festa.

**Sebastião** – Só na festa?

**Aline** – É.

**Sebastião** – Ainda não distribuí pra cidades não?

**Aline** – Não. Eu acho assim se tivesse tipo um empurrãozinho, eu acho que ajudava bastante gente porque né ia ter algum assim emprego pra, não pra muita gente, mas duas três pessoas, no começo e ia sair assim o lugar ia ficando mais divulgado né?

**Barbara** – É.

**Aline** – Mas, num tem.

**Ana** – Tipo na festa da mandioca eles trazem o que é de cozinheiro, os chefes de cozinha sabe? Pra ensinar o pessoal, só que, só na festa da mandioca, só na semana mesmo, ninguém leva a serio porque se eles tivessem incentivo durante outro tempo, depois da festa eu acho que gerava emprego pra quem ta precisando, tanto pros jovens como pros pais de família né?

**Amanda** – Eu acredito que mesmo as comidas são gostosas, tem lasanha, tem bolo, tem sorvete tem de tudo que você imaginar tem feito de mandioca e fica muito gostoso, só falta mesmo uma influencia.

Para a técnica da EMATER o problema não é de “incentivo”, de “empurrãozinho”, como dizem as jovens, mas “de acomodação dos próprios sujeitos”, que “não acreditam, não querem” e não têm “espírito de empreendedorismo”. Como exemplo diz que tentou ajudar uma família a colocar um *trailer*, vender “uma telha, um pratinho (telha) preparado com farofa, mandioca, carne e verdura”. A técnica continua:

Dava pra sair por quatro reais, o *trailer* estava num local estratégico. Eu mesma fui, servi como avalista na hora das compras. Incentivei,

tava dando resultados, mas aí começaram as desculpas: “eu não vou abrir agora por causa da missa”; “agora estou ocupada”, aí não dá certo, as pessoas não se esforçam.

Para ela, os próprios jovens poderiam organizar uma barraca, um *trailer*, “onde eles pudessem vender produtos de mandioca nas festas da comunidade e dos municípios vizinhos, mas, como começar”, pergunta a técnica, “quando os próprios jovens se acomodam, não percebem as potencialidades que estão próximas?”.

Questionada se as escolas têm trabalhado essas potencialidades locais; se há reuniões com os jovens para discutir essas questões, a técnica em questão responde que “não”. Por sua vez, os jovens que participaram do grupo focal reclamam da falta de apoio e de compreensão de suas demandas:

**Sebastião** – Aqui tem associação?

**Ana** – Tem.

**Sebastião** – Vocês participam da associação?

**Ana** – Não.

**Bruna** – Geralmente, é só o pessoal casado.

**Sebastião** – Porquê vocês não participam, propõem algum projeto de algo que está faltando, como as *lan house*?

**Aline** – Meu amigo, posso ser sincera? Geralmente como é só o pessoal casado eles só ligam em cisternas, nisso e naquilo, coisa de lazer não.

**Ana** – Não, a associação daqui só é ligada mesmo nessas cisternas, né?

(...)

**Aline** – Não, é assim, por mais que a gente queira, tem que ter uma pessoa acima, assim, que traga mais conhecimentos.

**Ana** – Que tenha mais capacidade para sair.

**Aline** – Quando a gente tenta tipo a gente tinha aqui, tem né? Um grupo de danças. Não está lá essas coisas, hoje está mais fraco, a gente batalhou, pediu até a Deus (...) E o pessoal de fora ajudava mais do que o pessoal daqui. Tipo, quando tinha apresentação da gente, era aqui, o pessoal ficava era falando, criticando.

Concordamos com Stropasolas (2006, p. 318) usando o mesmo afirma que “os questionamentos, as expectativas e as reivindicações que emergem das representações dos jovens colidem com problemas estruturais da sociedade rural”. Acreditamos, ainda, que os comportamentos juvenis são sustentados e reforçados pelas representações que os mesmo têm de si mesmos e do lugar onde vivem. Ao mesmo tempo em que enfatizamos que tais representações não surgem num vácuo social, sendo, antes o

resultado de um entrelaçamento de práticas discursivas diversas, aqui entendidas não só no nível do que se diz, mas, também, do que se faz e do que e como se vivencia *o e no* cotidiano.

Assim sendo, a mudança social demanda, também<sup>20</sup>, a assunção de novas práticas intimamente relacionadas com novas formas de representações. Nesse sentido ganha relevo um projeto educacional, assumido por diferentes instâncias, que fundamentado na escuta afetiva e efetiva dos jovens, propiciasse o questionamento e a problematização de suas representações sobre o rural, o urbano e sobre si mesmos/as; contribuindo assim, para desvelar com eles as lógicas que sustentam suas práticas, e, conseqüentemente, para a desconstrução de velhos mitos e a construção de novas metas, no âmbito pessoal e social.

Para tanto, seria necessário nos colocarmos no local de aprendizes, dos que não têm muito a dizer, mas, ao contrário, muito a aprender. Como disse Novaes (2003:141)

O desafio é ouvir os jovens. Para tanto, não basta fazer uma “dinâmica de grupo”, realizar um “grupo focal” ou ligar o gravador para uma entrevista. Mas, os resultados conseguidos devem ser objetos de análise, comparações e, sobretudo, podem servir de motivação para começar uma escuta mais aprofundada que abra caminho para um diálogo que resulte em conhecimento novo.

O conhecimento é sempre renovador, como pesquisador aprendemos outras realidades, outros contextos que soma a outros conhecimentos. A educação é um importante meio de aprendizado, mas nas entrevistas podemos perceber que o jovem tem outros meios de conhecer sua realidade, somente com o dialogo podemos adentrar na realidade do outro, e perceber quão grande é o conhecimento da juventude.

---

<sup>20</sup> Não queremos aqui assumir uma postura idealista, para quem basta mudar a maneira de pensar para mudarmos as estruturas, mas, concordamos com Freire (1983), para quem a educação, entendida aqui, enquanto novas formas de ser e de fazer, sozinha, não muda a sociedade, mas, sem ela a sociedade também não será transformada.

## **Considerações finais**

Nessa pesquisa, buscamos analisar os projetos de vida dos jovens rurais do município de Tavares, cuja orientação de sua formação se coloca dentro de uma concepção de rural. Pudemos apreender que os jovens são sujeitos sociais que vivenciam a dinâmica ruralidade local e que têm seus referenciais dentro do campo e da cidade, o que traz grandes interferências nos seus projetos de vida.

Constatamos nessa pesquisa que os jovens mesmo vivendo uma realidade rural buscam no campo meios de sobreviver, pois é no corte de cana que estes estão tentando entrar no mercado de trabalho. Com base na realidade vivida no município de Tavares, estes jovens interferem diretamente na dinâmica da zona urbana e também no campo, significando e resinificando hábitos, culturas, valores, enfim o próprio meio e suas especificidades.

Neste trabalho podemos perceber que o rural aparece na consciência de alguns jovens como um lugar muito mais de lazer do que de trabalho, é o local muito menos do roçado do que dos bares, das boates, dos campos de futebol, sendo, por isso, muito mais relacionado à festa, aos jogos do que ao plantio, à colheita. Não que os jovens neguem as atividades agrícolas, mas vimos que não é pela ótica do trabalho que o rural é percebido, o campo na visão do jovem é percebido pela ótica do lazer.

## Referencias

ABRAMOVAY, Ricardo, et. al. **Juventude e Agricultura Familiar**: desafio dos novos padrões sucessórios. 2. ed. Brasília: edições Unesco, 1998.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 39-64. (Publicado originalmente em francês, 1966)

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Jorge Edgar; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: DF, 2002.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MENDRAS, Henry. **Les Sociétés des paysannes**. Eléments pour une théorie de la paysannerie. Paris, Armand Colin, 1976.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia de. & PAPA, Fernanda de Carvalho. (Org's.) **Políticas Públicas**: Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

QUEIROZ, Joao Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção do campo**. In: Revista NERA, Ano 14, nº 18. Presidente Prudente, Jan-Jun, 2011.

SABOURIN, Eric Pierre. **Será que existem camponeses no Brasil?** 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Administração e Sociologia Rural – SOBER. Porto Alegre, Julho de 2009.

SILVA, Lourdes Helena da. **Educação do Campo e Pedagogia da Alternância**. A experiência brasileira.

SILVA, Marcelo Saturnino. **Entre o bagaço da cana e a doçura do mel!** Migrações e as identidades da juventude rural. Campina Grande.PB: UFCG/PPGS. Dissertação de Mestrado (Mimeo).

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.